

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA HISTÓRIA**

EDÍLIA DA SILVA VIEGAS

**MESTRA GRIÔ ELAINE: CONFLUÊNCIAS NA FORMAÇÃO EM PROCESSOS
COMUNITÁRIOS, ESCOLARES E ACADÊMICOS**

**Porto Alegre
2022**

EDÍLIA DA SILVA VIEGAS

**MESTRA GRIÔ ELAINE: CONFLUÊNCIAS NA FORMAÇÃO EM PROCESSOS
COMUNITÁRIOS, ESCOLARES E ACADÊMICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Carla Beatriz Meinerz

Porto Alegre
2022

Edília da Silva Viegas

**Mestra Griô Elaine: confluências na formação em processos comunitários,
escolares e acadêmicos**

Porto Alegre, 27 de setembro de 2022.

Profa. Dra. Cássia Silveira
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Sarah Calvi Amaral Silva
DEC/ Faculdade de Educação/UFRGS

Profa. Dra. Gládis Elise Pereira da Silva Kaercher
DEE/ Faculdade de Educação/UFRGS

Dedico esse trabalho aos meus pais, em especial a minha mãe (*in memoriam*), motivo de inspiração para sempre seguir em frente.

AGRADECIMENTOS

Certamente estes parágrafos não irão atender a todas as pessoas que fizeram parte dessa importante fase de minha vida. Portanto, desde já peço desculpas àquelas que não estão presentes entre essas palavras, mas elas podem estar certas de que fazem parte do meu pensamento e de minha gratidão.

A primeira pessoa a qual tenho minha gratidão é a Mestre Griô Dona Elaine por ter dado uma entrevista inédita e pelos momentos não formais, no Quilombo da Mocambo e dentro de eventos na universidade em que me agraciou com momentos de afeto e sabedoria.

Agradeço à minha orientadora, a Prof.^a Carla Beatriz Meinerz, por nunca desistir de mim.

Às minhas amigas Michelle Pereira de Barros e Bruna Clave Eufrásio, pelo apoio e conselhos nas encruzilhadas da vida e pela sincera amizade.

À Deborah Fuzina, minha psiquiatra, por contribuir com a ajuda na recuperação da minha lucidez.

À Alice Ubatuba, terapeuta que me acompanhou por grande parte da jornada.

Aos muitos companheiros Cefavianos pelas conversas, trocas e momentos únicos dessa jornada, em especial a Marlon Vidalis e Morvan Franco.

Tenho apreço aos profissionais da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Departamento de Moradia Estudantil, pelo auxílio e acolhimento ao longo do curso.

A Secretaria do Curso, pela cooperação.

Gostaria de deixar registrado também, o meu reconhecimento à minha família, pois acredito que sem o apoio deles seria muito difícil vencer esse desafio.

Enfim, a todos os que por algum motivo contribuíram para a realização desta pesquisa.

*Tú no puedes comprar el viento
Tú no puedes comprar el Sol
Tú no puedes comprar la lluvia
Tú no puedes comprar el calor
Tú no puedes comprar las nubes
Tú no puedes comprar los colores
Tú no puedes comprar mi alegría
Tú no puedes comprar mis dolores*

(LATINOAMÉRICA, *Calle 13*, 2010)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão do curso de licenciatura em História objetiva analisar o percurso de formação de uma Mestra Griô, liderança feminina negra porto-alegrense, considerando sua trajetória em seus aspectos de confluência entre conhecimentos comunitários e saberes escolares ou acadêmicos. Trata-se da trajetória da quilombola Maria Elaine Espíndola Rodrigues, professora aposentada e liderança negra reconhecida como Mestra Griô pelo Projeto Museu Percurso do Negro/Centro de Referência Afro-Brasileira/Programa MONUMENTA, em 2009, e pela Câmara Municipal de Porto Alegre, em 2010. Utiliza-se o conceito de confluências, cunhado por Antônio Bispo dos Santos, para tratar as articulações entre diferentes aprendizados advindos de espaços epistemológicos distintos. Como metodologia, optou-se pela abordagem qualitativa, com uso de entrevista semiestruturada, inspirada na história oral e no reconhecimento da oralidade como valor civilizatório afro-brasileiro. Igualmente utiliza-se revisão bibliográfica e outras entrevistas realizadas com a liderança feminina em evidência. Na qualidade de resultados, foi possível constatar na história da escolarização de Mestra Elaine, evoca e reitera estratégias de resistência cultural e de combate ao racismo adotadas por famílias negras rio-grandenses. Igualmente considera-se a validade da confluência de duas tradições educativas independentes ou distintas entre si, sem hierarquização valorativa de saberes, como potencialidade no combate ao racismo pelo viés do ensino de história.

Palavras-chave: educação; ensino de história; saberes comunitários; Griô; oralidade.

SUMÁRIO

1	<u>INTRODUÇÃO</u>	9
2	<u>TEORIA E METODOLOGIA</u>	13
3	<u>A ORIGEM DO GRIÔ E A REVERBERAÇÃO EM PERSPECTIVA DIASPÓRICA NO BRASIL: CONFLUÊNCIAS COM MESTRA ELAINE</u>	17
4	<u>A EDUCAÇÃO DO NEGRO NO BRASIL: CONFLUÊNCIAS COM MESTRA ELAINE</u>	25
4.1	<u>Mestra Elaine, entre a estudante e a professora: trajetórias na educação básica e superior</u>	27
	<u>CONCLUSÃO</u>	34
	<u>REFERÊNCIAS</u>	37
	<u>ANEXO A – (entrevista transcrita sem correções)</u>	39

1 INTRODUÇÃO

Maria Elaine Rodrigues Espíndola é uma mulher negra, mãe e avó, professora aposentada, Mestre GRIÔ, ativista social e liderança do Quilombo da Mocambo¹. Além de ser muito importante para a sua comunidade, Dona Elaine é uma liderança que dialoga com o movimento negro porto-alegrense, participando ativamente no carnaval através da Escola de Samba Praiana, assim como em eventos de tradição afro-gaúcha, por meio do Piquete Mocambo no Acampamento Farroupilha. A Mestre também atua em atividades de ensino, pesquisa e extensão vinculados às instituições universitárias, promovendo encontros sobre africanidades, história e cultura afro-gaúcha no espaço do Quilombo da Mocambo, com estudantes da educação básica e superior. O presente trabalho objetiva analisar o percurso de formação dessa importante liderança feminina negra porto-alegrense, considerando tal trajetória em seus aspectos de confluência, na medida em que combina duas formas de construção de conhecimentos distintos: o saber escolar ou acadêmico e o saber da tradição comunitária.

Utilizo o conceito de confluências (SANTOS, 2015) para pensar as possibilidades das conjunções ou misturas entre os aprendizados advindos dos processos comunitários, escolares e acadêmicos.

Por vezes, de forma imprecisa ou equivocada utilizamos uma compreensão de educação e de aprendizagem como experiência universal, sem considerar que a visão que compartilhamos hegemonicamente é construída na tradição ocidental e iluminista, onde o saber a ser transmitido é centralizado no domínio da escrita e na sistematização realizada através da escola e da universidade. Porém, meu trabalho vai analisar que os conhecimentos comunitários aprendidos por uma liderança reconhecida como GRIÔ, são de distinta origem e agregam da mesma forma para a sua formação como intelectual e cidadã ativista social. Para tal argumento utilizo o

¹ O Quilombo da Mocambo - Associação Remanescente de Quilombo Amigos e Moradores da Cidade Baixa e Arredores) é uma comunidade tradicional de Porto Alegre, formada por 16 famílias, reconhecida como uma instituição de guarda e preservação de memórias e práticas culturais afro-gaúchas, patrimônio imaterial da cidade. Possui processo, desde 2019, junto à Fundação Cultural Palmares, para reconhecimento como quilombo urbano.

termo confluências, a partir da referência de Antônio Bispo dos Santos (2015). O autor defende que a confluência rege a mobilização do saber a partir do princípio de que nem tudo que se ajunta, se mistura. Assim, confluir é conjuntar formas distintas de pensar e de agir em benefício de projetos emancipatórios comuns. Santos (2015, p. 90 - 91) observa que

[...] o grande desafio resolutivo para que possamos chegar ao nível de sabedoria e bem viver por muitos ditos e sonhados [...] é transformarmos as nossas divergências em diversidades, e na diversidade atingirmos a confluência de todas as nossas experiências.

Considero que a trajetória da Mestre Griô Elaine é singular no sentido de confluir distintas formas de construir conhecimentos, individuais e coletivos, em prol das lutas sociais por emancipação das pessoas negras.

Santos (2015) utiliza o exemplo do período da Assembleia Nacional Constituinte, quando da elaboração da Carta Magna de 1988, para dizer dessa mobilização de saber em torno do objetivo de garantir o direito à diferença para povos com saberes e existências distintas da hegemônica, como os quilombolas, indígenas, ribeirinhos e da floresta. É importante observar que a escola e a universidade, em geral, trabalham numa outra abordagem que é denominada de influência, ou seja, quem tem mais conhecimento transmite ou influi na experiência do outro. Tal abordagem parte de uma razão moderna iluminista, única e pouco plural. A compreensão de saber das comunidades quilombolas é pluralista, portanto, a ideia de aprendizagem é distinta e aceita a conjunção de processos educativos sem sobreposição de uns sobre os outros. No caso da análise em questão, afirmo que Dona Elaine possui uma trajetória de formação onde há uma confluência entre conhecimentos comunitários e saberes escolares e acadêmicos.

Falar sobre essa confluência presente na forma de expressão de Dona Elaine é olhar para minha própria identidade e ancestralidade.

A primeira vez que fui ao território do Mocambo, em uma saída de campo de numa disciplina de estágio do Curso de Licenciatura em História, a fala de Dona Elaine me fez sentir um pertencimento naquele espaço comunitário, diferente do experimentado no mundo universitário, onde vivi a não valorização da minha cultura interiorana marcada pelo fato de ser filha de um pai branco com pouca alfabetização

e de uma mulher negra analfabeta. Compreendo que cresci na margem entre os saberes populares ou herdados da tradição oral e aqueles advindos da cultura escolar e da centralidade na escrita. Entrei na UFRGS em 2013, como cotista social. O choque com a nova realidade foi inevitável, pois a anterior calma da vida numa cidade de pouco mais de cinco mil habitantes tornou-se a experiência do contrário: a selva de pedra, o ar sufocante, o gosto de uma água que não deveria ter gosto, um milhão e meio de pessoas, a dinâmica de trabalho, a relação social com a rua e as pessoas que circulam nela. O choque permanece em mim ainda hoje. Morar no interior é diferente, obviamente não é perfeito, pois existe ali igualmente miséria, subemprego, doenças, racismo, homofobia e muitos outros problemas sociais.

No decurso da minha trajetória acadêmica como cotista vivenciei uma grande transformação na minha forma de ser, porém sempre preservando meu pertencimento identitário de origem, vinculado às plantas e animais, assim como a escuta de histórias dos mais velhos.

Ao longo dos últimos anos Dona Elaine mantém uma presença dialógica na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, impactando com seus conhecimentos a formação de vários docentes e discentes, especialmente através da disciplina Encontro de Saberes². Segundo a Mestra, "o espaço da universidade foi importante por proporcionar que falássemos como sabemos" (ESPÍNDOLA, 2019).

A seguir, no capítulo dois, explicarei o desenho teórico e metodológico do estudo que agora se conclui na forma de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na Licenciatura em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O capítulo três, intitulado "A origem do griô e a reverberação em perspectiva diaspórica no Brasil: confluências com mestra Elaine", busca uma revisão bibliográfica sobre a origem do conceito de Griô no continente africano e as suas adaptações na história e cultura afro-brasileira, perpassando a legislação vinculada a esse reconhecimento no Brasil. A análise parte de uma discussão teórica sobre os saberes desenvolvidos na comunidade acadêmica e na comunidade tradicional,

² A disciplina existe desde 2016 na UFRGS e sua proposta pode ser acompanhada pelo site ufrgs.br/encontrodesaberes.

finalizando com a articulação com os saberes e as vivências da Dona Elaine desde a sua infância até tornar-se Griô.

O capítulo quatro, nomeado “A educação do negro no Brasil: confluências com mestra Elaine”, será uma breve revisão bibliográfica sobre a história da educação do negro no Brasil e no espaço sul-rio-grandense, tendo como perspectiva o foco analítico nos movimentos de emancipação social construídos pelo protagonismo negro no período do pós-abolição. E analisará a escolarização de Dona Elaine em seus relatos da entrevista, relacionando as estratégias de resistências das comunidades negras e o recorte de gênero.

A conclusão abordará a confluência de distintos saberes e fazeres na trajetória de Dona Elaine como forma de diálogo, resistência e a preservação de uma identidade negra através do movimento social e do Quilombo da Mocambo.

2 TEORIA E METODOLOGIA

Algumas ambiguidades merecem destaque no campo teórico e metodológico, no que se refere à busca de compreender a confluência entre a educação escolar e acadêmica e a formação como Griô, através dos aprendizados comunitários e nos movimentos sociais. Uma das maiores referências sobre Griôs no Brasil, criadora do conceito de “pedagogia Griô”, Lillian Pacheco, distingue o Griô como aquele excluído socialmente e detentor de saberes de cultura tradicional não-hegemônica, contrária ao incluído detentor da cultura hegemônica, que seria o pesquisador/acadêmico.

O que Lillian Pacheco afirma vem de encontro com que Dona Elaine reflete sobre o contato que tem com pesquisadores/acadêmicos e a utilização de estratégias sociais de disseminação da História de seus ancestrais. Segundo ela, essas estratégias estão no convencimento de que a sua história também é importante. Porém, a Mestra ressalta que não aceita mais que se fale dela como objeto, desejando que se estabeleçam trocas com e sobre ela, na qualidade de interação dialógica e pessoal. Nas palavras dela: “eu não quero ser mais um objeto de estudo” (MENEZES, 2019, p. 143). Dona Elaine propõe que ela mesma conte sua história. Tal relação coloca o acadêmico num outro papel que é o de mediador e participe do processo de trocas de conhecimentos, numa concepção plural de saber (SANTOS, 2015).

Além disso, dentro do campo da história oral, inspiração metodológica central da presente investigação, há ainda mais dubiedades. Um dos maiores motivos do emprego da história oral, em suas origens, foi a referida ausência de outras fontes históricas documentais e escritas sobre determinados grupos humanos. Além do desprezo da maior parte dos historiadores pelo uso de fontes orais, o destaque para o fato de pessoas provedoras de testemunhos orais não serem alfabetizadas aparecem nas reflexões de estudiosos como Jacques Le Goff, Gwyn Prins e Verena Alberti. Nenhum historiador que usa o método de história oral deixa explícito que seu entrevistado não tenha domínio da escrita, ou que tenha

pouca, mas nas entrelinhas é possível perceber que o escritocentrismo (MATO, 2008) deduz a essa conclusão preconceituosa.

Destaco que não reduzo Dona Elaine a uma fonte oral, ao contrário, reconheço nela a potência do conhecimento trocado pela oralidade como um valor civilizatório afro-brasileiro (TRINDADE, 2010). A Mestra Griô quebra totalmente com algumas premissas acerca da trajetória de lideranças de comunidades tradicionais, porque ela tem domínio da cultura hegemônica estabelecida através da escrita, mas isso não impede que a marca de seu conhecimento seja a confluência através da oralidade como forma igualmente válida de expressar, produzir e compartilhar conhecimentos.

O presente trabalho está baseado em relatos orais de Mestra Elaine. Utilizo uma entrevista gravada e transcrita (anexo), realizada com Dona Elaine em outubro de 2019, como principal produção de informações históricas sobre a trajetória confluyente de seus processos de escolarização e de formação Griô. Esses dois aspectos de sua trajetória, apesar de parecerem ambíguos, serão o fundamento do presente trabalho, pela consideração do trânsito entre dois espaços de conhecimento distintos e da confluência na qualidade de estratégia construída pela ancestralidade negra: a aposta na educação como meio para a construção da emancipação. Tal estratégia se desenvolve no movimento de resistência às opressões sociais e raciais, levando em consideração seu pertencimento e sua trajetória individual como liderança no Quilombo da Mocambo. Dona Elaine simboliza uma guardiã de memória, justamente por estabelecer disputas de memórias e histórias num país marcado pela Branquitude³ e por uma consolidada narrativa histórica hegemonicamente eurocentrada. O que me proponho nesse trabalho é vivenciar uma experiência de ouvinte das tradições e histórias da Mestra Griô.

Em vista disso, reforço duas constatações: primeiro reitero o quão pode ser relevante o uso da história oral como metodologia, fato que historiadores consagrados reconhecem e fundamentam. Secundariamente, destaco a contribuição

³ Segundo Maria Aparecida Bento (2002), a branquitude se afirma como constructo social na medida em que o branco se ausenta da responsabilidade social acerca do debate de ser sujeito historicamente detentor de privilégios de acesso e fruição sistemática dos recursos materiais e imateriais disponíveis na sociedade. As desigualdades sociais não são vinculadas às assimetrias raciais, o que permite tal ausência do branco na responsabilidade acerca do problema do racismo no Brasil, por exemplo.

de tal metodologia para a manutenção, registro e afirmação das histórias e culturas da população negra afro diaspórica, que reivindica o reconhecimento de seus modos de vida marcados por uma ancestralidade demarcadora de sua própria narratividade. Esse trabalho tem como objetivo vencer qualquer barreira epistemológica ou preconceito em relação à oralidade. Observo que numa concepção plural de conhecimento, a história oral proporciona aprendizagens para ambos, tanto a pesquisadora quanto a participante da pesquisa.

O **problema central da pesquisa** foi assim formulado: Como a trajetória da Mestra Griô Elaine, liderança feminina negra porto-alegrense, produz confluências entre a tradição oral afro-gaúcha e a tradição escolar?

A escolha do tema - a trajetória de formação de uma Mestra Griô sul-riograndense, está relacionado com minhas buscas como licencianda no curso de História e configura-se no desenvolvimento de métodos de pesquisa na perspectiva da abordagem qualitativa (MINAYO, 2007).

Compreendo a pesquisa qualitativa como aquele movimento de produção e análise acerca de um fenômeno social, capaz de buscar uma compreensão em profundidade, a partir de dados produzidos sem a preocupação da quantidade, mas da possibilidade de observação detalhada e focada sobre os mesmos. O fundamental é definir sujeitos que tenham vínculo significativo com o tema a ser tratado, formulando-se um problema singular para a investigação. No caso, optei por centrar a análise na trajetória de Mestra Elaine, centrando o estudo numa entrevista semiestruturada inspirada na história oral, coadunada com revisão bibliográfica e outras entrevistas realizadas com a liderança feminina em evidência. A entrevista realizada é inédita e ocorreu na sala 903 da Faculdade de Educação da UFRGS no dia 29/10/2019, com a presença da minha orientadora Carla Beatriz Meinerz, com posterior transcrição (anexo). Também foram utilizadas revisão bibliográfica sobre a temática da educação do negro no Brasil, sobre a Griô Dona Elaine e o Quilombo da Mocambo.

Após a explicitação das escolhas metodológicas, formalizo os **objetivos** que guiaram o trabalho, construídos no momento ainda de sua projeção inicial:

1. Analisar a trajetória de formação da Mestra Griô Elaine, considerando as confluências entre experiências escolares, acadêmicas, comunitárias e de ativismo social.

2. Identificar na trajetória de formação de Mestra Griô Elaine elementos da tradição de conhecimento construído através da oralidade.

3. Refletir sobre a complementaridade de ambos os percursos formativos, na perspectiva da equidade dos conhecimentos comunitários tradicionais dos saberes escolares.

Na sequência, apresento a origem e a reverberação da experiência Griô em África e no Brasil, considerando seus impactos na trajetória de Mestra Elaine.

3 A ORIGEM DO GRIÔ E A REVERBERAÇÃO EM PERSPECTIVA DIASPÓRICA NO BRASIL: CONFLUÊNCIAS COM MESTRA ELAINE

O termo “*Griot*” vem do francês e significa contador de Histórias. Tem origem no continente africano, especialmente entre algumas etnias que preponderam na África Ocidental, referindo-se aos homens e mulheres de uma linhagem nobre, cuja função é contar a história de uma família de geração a geração, através de histórias ou cantos. Segundo descrição do verbete Griô (*Grioty*) no dicionário de História da África, tal sujeito é

poeta, cantor, conselheiro do rei e historiador tradicional africano, integrante de corporações hereditárias importantes para a vida social, sendo mencionado também como “animador público” (BÂ, 2003, p.110, nota 5). Depositário da tradição oral, é o genealogista das famílias reais e difusor das gestas e epopeias de seu povo. [...]. A origem da palavra é obscura. Não obstante, vejamos no francês o termo griot, o qual tem, em primeiro lugar, a acepção de “farinha de segunda”, de má qualidade; e depois, a de “feiticeiro africano” (CARVALHO, 1980, P.376) [...]. A origem provavelmente estaria no verbo griller, assar, tostar, queimar (p.375); ou em grillot, variante de grillet, grilo (p.375). No francês popular, este grillot é também usado na acepção de “indivíduo que seduz a mulher de outro” (LAROUSSE, Le dictionnaire de L’Argot, 2010, p.413). A extensão de sentido para aplicar o termo ao poeta e cantor tradicional teria nascido com a intenção depreciativa, na época colonial (LOPES; MACEDO, 2017, p. 139).

Reconstruímos essa tradição em solo brasileiro, mas é importante referenciar e imaginar a mesma no passado africano. Uma das referências para ilustração desse personagem magnífico é o filme *Keita: A herança do Griot/ Keita! L’héritage Du Griot* (1996). A produção feita em parceria (França/Burkina Fasso) e dirigida por Dani Kouyaté se realiza em território do atual Burkina Fasso. O Griô do filme, Sotigui Kouyaté, é pai do diretor e um griô real de uma longa linhagem de griô que remonta ao século XIII da região da África Ocidental, região do antigo império Mali.

O filme, produzido em 1996, apresenta algumas problemáticas em relação a discussão atuais de gênero e das pessoas com deficiência, mas para o tema que debatemos aqui dispara uma forma peculiar de reflexão.

Na trama o Griô Djeliba viaja até a cidade para ensinar o jovem Mabo Keita sobre a história dos seus ancestrais. Djeliba é o griô de Mabo Keita, assim como o seu pai foi Griô do pai de Mabo, e assim por diante. Os pais concordam com o ensinamento por se tratar de uma tradição familiar passada de geração a geração, porém quando o jovem começa a ir mal na escola a discussão sobre o qual conhecimento é importante entra em cena. Após alguns confrontos entre o griô e o professor de Mabo, Djeliba resolve ir embora.

Em paralelo a trama, Djeliba conta a Mabo a origem do nome Keita e conseqüentemente a história da unificação do Império Mali no século XII, feita pelo rei Leão Sundjata (também conhecido como Sundiata Keita). Nascido com predestinação a ser o rei, sofre a traição do irmão no momento da morte de seu pai. Zombado pela sua deficiência que impedia de caminhar, supera ela quando vê sua mãe sendo humilhada.

Além da representação do conceito de Griô, um dos aspectos que mais chama atenção no filme é o confronto entre os saberes tradicionais e os científicos. Em determinado momento do filme, Mabo se vê entrelaçado entre dois mundos: o da escola onde o professor diz que sua espécie evolui do macaco, e o da tradição Griô que diz que ele é descendente de um rei. A sociedade moderna não aceita a multiplicidade e pluralidade de pensamentos. Destaco a fala de Djeliba no filme de Dani Kouyaté (1996): “O saber tem muitos sentidos. O saber não se vê, nem se sente, é complexo. Ele pode estar no sopro de nossos antepassados, no milho, na areia. Ele passa do espírito para o homem, e do homem para o espírito.”

Podemos constatar que diante da diáspora africana no sul do Brasil, promovida pelo evento do tráfico escravista transatlântico, a tradição do “Griot” africano, que é passada através de geração a geração genealogicamente, em nosso território passa a ter a grafia Griô, configurando-se como uma tradição obtida pelo reconhecimento da comunidade na forma de identificação via políticas públicas.

Compreendo por diáspora africana a travessia do oceano Atlântico, realizada por homens e mulheres que foram enviados forçadamente do continente africano para o Brasil/América, na condição de escravizados e força de trabalho nas colônias

portuguesas e espanholas, durante os séculos XVI, XVII e XVIII. Para José Rivair Macedo (2016, p.24 e 26) a diáspora significa a perda de um lugar de origem, a troca de um ambiente cultural para outro, a ideia de um deslocamento. O Atlântico se transforma assim em um espaço de circulação, transformação e reconfiguração sociocultural. Trazendo somente nos navios negreiros a memória cultural, religiosa e saudade de sua terra natal. Travessia essa que trouxe povos de diversas etnias e que aqui produziram hibridizações com os povos indígenas e os portugueses, apesar desse sincretismo em nome ao apego ao passado e da continuidade e da tradição, engendrou no Brasil novas experiências que garantiu que eles constituíssem aqui uma história própria.

Ressalto que no Brasil, houve um Projeto de Lei que visou regulamentar e reconhecer a prática griô em território nacional, designando Mestres e Griôs da seguinte forma:

Todo (a) cidadão (ã) que se reconheça e/ou seja reconhecido (a) pela sua própria comunidade como herdeiro (a) dos saberes e fazeres da tradição oral e que; através do poder da palavra, da oralidade, da corporeidade e da vivência, dialoga, aprende, ensina e torna-se a memória viva e afetiva da tradição oral, transmitindo saberes e fazeres de geração em geração, garantindo a ancestralidade e identidade de seu povo (Projeto de Lei 1786/2011).

O Projeto de Lei 1.786/2011 que tramitou no Congresso Nacional gerou a minuta da Lei Griô Nacional que foi eleita na íntegra como uma das 32 prioridades da política do Ministério da Cultura do Brasil na Conferência Nacional de Cultura, em março de 2010. Conhecida como Lei Griô instituiu uma política nacional de transmissão dos saberes e fazeres de tradição oral, em diálogo com a educação formal, para promover o fortalecimento da identidade e ancestralidade do povo brasileiro. Tal legislação atingiu o solo gaúcho de distintas formas, criando também movimentos de reconhecimento nas municipalidades, como foi o caso de Mestra Elaine, em 2012.

O reconhecimento oficial de Dona Elaine como Mestra Griô veio em 2009, através do Projeto Museu Percurso do Negro/Centro de Referência Afro-

Brasileira/Programa MONUMENTA e pela Câmara Municipal de Porto Alegre em 2010. Antes disso, desde a década de 90, ela já era reconhecida como detentora de saberes ancestrais, pela comunidade do Quilombo da Mocambo.

Sobre o aspecto de ser uma Mestra Griô, Dona Elaine se coloca de forma humilde em afirmar que um título não mudará a sua essência e sua identidade e que prefere ser chamada simplesmente de Dona Elaine da Mocambo. Ela reflete também sobre o termo “mais velho”, o qual é respeitado nas tradições da ancestralidade de origem africana, da seguinte forma: “A palavra anciã também nos basta, porque a nossa dádiva é poder passar para o outro aquilo que nos passaram, para que ele continue nos lugares que nós não estaremos[...]” (MENEZES, 2019, p. 146).

Destaco aqui o valor da ancestralidade para a construção desses aprendizados comunitários, onde são levados em conta saberes singulares e emancipatórios construídos nas lutas sociais (GOMES, 2017). Remeto também minha análise a centralidade da oralidade que produz a guarda de uma memória, citando Azoilda Trindade (2010) no que tange o significado do respeito a quem veio antes, a quem sobreviveu. Ressalto que a oralidade é parte da tradição comunitária no que tange a evocação e transmissão de ensinamentos.

É difícil dissertar sobre o ensino e a aprendizagem de uma cultura que difere da nossa, sobre a imaterialidade que está em ensinar acerca da natureza das coisas de uma forma singular e distinta das convenções científicas hegemônicas. É inegável que as lembranças da infância de Dona Elaine indicam o quanto esse aprendizado comunitário reflete na mulher que ela se tornou. Em suas palavras observo que ela tem consciência de que recebeu uma função de suas mais velhas, pois ouviu de sua avó: “[...] tu vai, vai estudar, vai escrever, e depois tu vai contar a nossa história. [...] cada momento daqueles, eu estava entrando nisto que estou fazendo agora. Era a oralidade entrando dentro do meu ser, e eu não sabia” (MENEZES, 2019, p. 140 - 141).

Em uma lembrança da infância, Dona Elaine relata caminhar embaixo de vários pés de ipês com o avô e compara essa árvore com o baobá⁴, símbolo de ancestralidade africana. Destaco a fala de Dona Elaine que “[...] a árvore baobá foi

⁴ Trata-se de árvore nativa de regiões tropicais da África, com característica de longevidade e grandeza de tamanho, possui grandes folhas e flores brancas e é muito respeitada em sua sacralidade e no uso medicinal.

da minha infância, né? E eu passei correndo e caiu uma flor daquela em mim. Daí eu olhei, daí ele disse ‘não, isso aí é pra te abençoar, vai indo’” (ESPÍNDOLA, 2019).

Dentro do Quilombo da Mocambo existia até início de 2022 uma árvore *ficus elastica* ou falsa seringueira, como é conhecida popularmente, que simbolicamente era chamada pela comunidade como “o grande baobá” ou “árvore do lembramento”. Durante anos “o grande baobá” do Mocambo permaneceu atento às falas de Dona Elaine e aos olhares ávidos dos visitantes, agregando ao seu redor oficinas pedagógicas onde cartas eram presas em seu tronco com nomes de pessoas queridas daqueles que passavam por ali, como parte de uma oficina pedagógica. Em tal oficina pedagógica, concebeu-se o nome de “árvore lembramento”, como contraposição aquela “árvore do esquecimento”, evocada em narrativas evocadas sobre a vinda dos negros africanos para o Brasil no processo de colonização e escravização, acerca do ritual de voltas dadas por homens e mulheres numa árvore, antes do embarque em Ouidah no Benin, na qualidade de tentativa de induzir o esquecimento mal-sucedida.

Em 2022, por determinação do poder público municipal, fundamentada no fato de que suas raízes estavam colocando em risco a estrutura dos prédios em volta, houve a retirada da árvore sacralizada pela comunidade, gerando comoção interna e externa, destacadamente de Dona Elaine. Atualmente, resta somente o tronco da árvore e a guarda de sua memória e significado na tradição comunitária, igualmente resguardada na formação griô.

É possível que alguns ensinamentos tradicionais passados nas ancestralidades da Mestra Griô Dona Elaine tenham sido perdidos, como ela mesma aponta na citação abaixo:

[...] não peguei a benzedura em si, mas a vó também dizia assim... Vem cá, mas às vezes eu não ia lá. E ela continuava, chegava uma pessoa, porque lá em São Sebastião do Caí ela era benzedeira também. Daí ela pegava, tenho bastante lembrança, o copo, um carvão do fogão, sempre tinha, uma tesoura e um galho verde. E o pano branco. Pegava assim, virava, botava na cabeça da pessoa. E benzia. Ela queria que eu tivesse lá pra ouvir. Pra que eu também aprendesse a benzedura (ESPÍNDOLA, 2019).

Essa vivência no interior do estado, durante a infância, foi muito importante para a formação como Griô de Dona Elaine. Ressalto que apesar de ela ter nascido na capital, distintas vezes ela destaca que se considera interiorana por tradição. Nas suas falas em oficinas dentro do espaço do Mocambo, dedicadas a estudantes universitários, e em entrevista a PINHEIRO (2018), é possível perceber o quanto seus conhecimentos versam sobre o ambiente natural em confluência com a vida humana, através do manuseio de plantas e ervas. Nas palavras da Dona Elaine:

Eu tenho uma interioridade que me remete também ao contato com as plantas, que aprendi com minha avó. Essa coisa do respeito, por exemplo, de pedir licença para a própria planta, ou seja, se tu tens que arrancar uma folha para o chá, pedir licença para a planta. Igualmente esperar a questão do sol, no momento certo para o sol e para a planta. Ou aquelas questões do sereno. De também conhecer as benzeduras, saber colocar as ervas medicinais no telhado para que o sereno também faça a sua parte, no processo de cura. Todas essas coisas eu vivenciei. E agora conto sobre elas. Até um tempo atrás, contava para as minhas gurias (filhas) essas coisas que eu vivenciei (PINHEIRO, 2018, p.40).

CUNHA (2007) explica a diferença entre o conhecimento científico e a ciência tradicional. Segundo ela, o conhecimento científico e a ciência tradicional, ao contrário do que o senso comum pensa, são formas de procurar entender o mundo e ambas estão abertas, inacabadas e procuram responder o mesmo apetite de saber. Enquanto uma usa conceitos para se firmar, a outra usa percepções, as quais são baseadas nas lógicas das qualidades sensíveis como cheiros, cores e sabores. Ao falar sobre o uso de chás e ervas na prevenção de doenças, por exemplo, Dona Elaine reflete:

[...]. Mas também tem um momento que a própria cultura popular te encaminha para outro saber que complete. Só que tem que lembrar que um saber não é maior que o outro, não é melhor que o outro. E é isso que a gente não está conseguindo, acho, sentar num círculo, num local e ter um fórum que possa debater isso (PINHEIRO, 2018, p.41).

Essa confluência de saberes distintos é minha chave de leitura para analisar a trajetória de Dona Elaine. Boaventura de Sousa Santos (2010) desenvolve a

proposição teórica e metodológica cunhada como ecologia de saberes, que é a renúncia de uma epistemologia geral e unívoca, ao defender que existe uma diversidade/pluralidade de conhecimentos que pode dialogar com aquele determinado como científico. O pensador afirma que nenhuma forma singular de conhecimento pode responder por todas as intervenções possíveis no mundo, todas elas são diferentes e apresentam incompletudes, o que leva consideração de que a busca por credibilidade para o conhecimento não-científico não implica em descrédito do conhecimento científico, pois eles são complementares.

É possível destacar o valor que a Mestra em análise dá para a transmissão do conhecimento pela oralidade, na qualidade da reverência aos saberes recebidos da avó e passados para as filhas e neta. Dona Elaine, em diversos momentos afirma sobre a importância de contar a história dos seus ancestrais e mesmo que não tenha alguém para lhe ouvir, é possível criar estratégias para que se escute e valorize a mesma, nem que seja numa roda pequena, pois depois ela (a roda) pode ir crescendo. Para Azoilda Trindade (2010) a oralidade, um dos valores civilizatórios afro-brasileiros, significa a expressão cultural pela "palavra, pelos corpos diversos, singulares e plurais" (p.14).

O reconhecimento do saber Griô, nesse processo de disputa entre o que é científico e o que não é, por vezes traz ressentimentos e sofrimentos, justamente pela ausência de uma concepção plural de saber. Vejamos o relato de Dona Elaine:

Muitas vezes a gente sai amassado do lugar de fala. Mas quando a gente sai amassado, deve dar um passo atrás e ver: 'qual a metodologia que tu usaste?'; 'Não vais te entregar!'. E tu vais ter que traçar um modo de andar ali por dentro. E esse modo de andar está relacionado a luta para que o outro te aceite, sem esquecer que também tem que aceitar o outro. [...] (PINHEIRO, 2018 p.42).

Destaco, para finalizar, que compreendo a confluência dos saberes na formação da liderança quilombola, cuja trajetória analiso em meu estudo de conclusão de curso, como a conjunção de duas tradições educativas independentes e distintas entre si. Ressalto que coloco ambas as tradições em condições de

diálogo equitativo, sem hierarquizar os conhecimentos como mais ou menos qualificados para a compreensão da história da educação, por exemplo. A equidade e a pluralidade epistêmica podem fortalecer os diferentes saberes e torná-los estratégicos nas construções de um ensino de história comprometido com a educação antirracista, fortalecedor das lutas por emancipação social e contrários ao “esquecimento” da cultura afro-brasileira e africana.

4 A EDUCAÇÃO DO NEGRO NO BRASIL: CONFLUÊNCIAS COM MESTRA ELAINE

Dona Elaine trilhou um percurso escolar no ensino básico e superior, em sua formação como professora de Letras – Braille. A formação acadêmica foi conquistada em um momento histórico em que poucas mulheres negras tinham acesso ao ensino superior. Nasceu em 1947, na cidade de Porto Alegre. Mas criou-se convivendo com a vida interiorana de São Sebastião do Caí, local de origem da família materna e que vivia a avó, as tias e as primas.

Mestra Elaine aponta para o papel em que as mulheres - mãe, avó, tias tiveram na sua criação, numa família que ela considera de linhagem matriarcal, principalmente em relação ao futuro da então jovem Elaine, expressa na vontade que ela estudasse para que “não assinasse com o dedão” (MENEZES, 2019, 140).

Podemos perceber que a realidade da família da Dona Elaine reflete a história da educação nas famílias negras no Brasil. Em GONÇALVES (2000) é possível compreender que apesar das famílias não possuírem um capital cultural, circunscrito na alfabetização e no domínio da escrita, construíram estratégias para que os filhos tivessem acesso ao ensino. No caso da Dona Elaine, expressa-se no fato de que ela foi enviada para um convento para ser Juvenista, compreendido como “local onde flui a cultura” (MENEZES, 2019, 140). O termo utilizado pelo autor é problematizado pelo fato de que exatamente se considera como espaço de cultura aquele hegemônico pela tradição branca e eurocentrada, centrada na história escrita e que difere das tradições orais mantidas pela população negra.

E ainda, sobre a importância da educação nas lutas por cidadania das famílias e comunidades negras, existem distintos estudos. Citamos aqui o redirecionamento dessa conquista atual. Vejamos:

[...] ao examinar a situação educacional dos negros brasileiros, devemos mudar a direção de nossos questionamentos. Não é mais possível continuar associando mecanicamente sucesso escolar e escolaridade dos pais. A questão é saber como avós analfabetos influenciaram a pouca escolarização de seus filhos, e como estes, apesar da pouca escolaridade,

têm estimulado suas gerações futuras a terem êxito na escola (GONÇALVES,2007).

Tal análise redimensiona a ideia de que a escolarização é uma concessão, mas a coloca como uma conquista, inclusive observada nas estratégias de luta em condições adversas, como é o caso de uma avó analfabeta que contribui de forma grandiosa na alfabetização da neta.

Se a estratégia utilizada de enviar Dona Elaine para um espaço possível de escolarização foi a escolhida por sua comunidade, não foi exceção, pois igualmente destacam-se outras formas de acessar a educação mais formal, por parte das agremiações e famílias negras. Ainda sobre a educação dos negros no Brasil é importante ressaltar que diversos estudos apontam a existência de distintas estratégias desde o século XIX, entre elas a criação das irmandades para “homens de cor”⁵, espaços educativos reservados para a educação daqueles que estavam excluídos ou incluídos de forma precária nas políticas de escolarização da população em geral. GONÇALVES (2011), ao explicar a relação histórico-social entre racismo e educação no Brasil, aponta que essas estratégias de construção de irmandades e escolas específicas fizeram com que fosse organizado o movimento negro no início do século XX.

Podemos então concluir que na história da educação da população negra no Brasil, existe o registro da importância dada pelas famílias e associações negras ao acesso e permanência nos sistemas de ensino, por se tratar de um meio de reconhecimento e de ascensão social (PEREIRA, 2008).

Segundo Nilma Lino Gomes,

[...] educação é o campo escolhido para as reflexões aqui realizadas devido ao fato de ser um direito social, arduamente conquistado pelos grupos não hegemônicos do Brasil e que durante muito tempo foi sistematicamente negado aos negros e as negras brasileiros. Na luta pela superação desse quadro de negação de direitos e de invisibilização da história e da presença de um coletivo étnico-racial que participou e participa ativamente da construção do país, o Movimento Negro, por meio de suas principais

⁵ Durante o século XIX foram criadas irmandades destinadas para “os homens de cor”. Mas o que seriam especificamente “homens de cor”? Dentro da História do Racismo no Brasil durante o período escravista existiam duas classes sociais: escravizados e livres, e ainda existia uma pequena parcela da população livre que era denominada “homens de cor”, homens afrodescendentes livres.

lideranças e das ações dos seus militantes, elegeu e destacou a educação como um importante espaço-tempo passível de intervenção e de emancipação social, mesmo em meio as ondas de regulação conservadora e da violência capitalista (2017, p. 24-25).

Importa destacar que, ao mesmo tempo que a estratégia é inserir-se na educação formal, o próprio movimento desestabiliza o projeto educativo nacional, ao propor outras políticas públicas a partir de sua concepção de ciência e de conhecimento e de currículo, como é o caso da homologação da Lei 10.639/03 e da Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) como política de estado desde 2004 (DCNERER).

Porém, trata-se de um país onde atualmente ainda o índice de escolarização da população negra é extremamente baixo em relação a população branca, o que evoca os vestígios do período escravocrata e o racismo estrutural pós-abolicionista. Os dados com índices acerca da escolarização da população negra baixa ainda mais se observada a especificidade do recorte na escolarização das mulheres negras. Segundo dados apresentados no ano de 2018 pelo IBGE em “Estatísticas e Gênero” é possível constatar que somente 10,4% das mulheres negras acima de 25 anos tinham ensino superior dado menos da metade do das mulheres brancas que é de 23,5%. Outro dado do Ipea de 2015 também demonstra a magnitude das diferenças no quesito raça/cor no ensino: o analfabetismo entre mulheres brancas entre 15 anos ou mais era de 4,9% já o de mulheres negras era o dobro, 10,2%.

Podemos perceber que o fenômeno social da educação como política pública e responsabilidade estatal é, sobretudo, um espaço de disputa. Tal espaço de disputa desenvolve-se num contexto em que os grupos desprivilegiados por questões de raça, cor e gênero necessitam pelear por políticas públicas de acesso e permanência em espaços escolares e acadêmicos de qualidade (GONÇALVES, 2013).

Na luta do movimento negro sulino, Dona Elaine possui uma trajetória singular, capaz de evidenciar os efeitos das organizações comunitárias, notadamente em relação a possibilidade de formação múltipla e plural. Na qualidade

de professora e grão, Dona Elaine expressa um percurso marcado pela sabedoria e pelo exercício dialógico.

4.1 Mestra Elaine, entre a estudante e a professora: trajetórias na educação básica e superior

Dedico esta seção para a descrição e análise da trajetória de escolarização de Mestra Elaine, considerando as singularidades da mesma e as semelhanças com os processos de construção do pensamento de mulheres negras da diáspora africana no Brasil e na América. Tal singularidade se refere ao fato de que a educação básica e superior foi compreendida como um direito a ser conquistado para as pessoas negras e uma forma de inserção cidadã no contexto de uma sociedade altamente racista e racializado, caracterizada pela cor de pele como marcador de diferença negativada promovida pelas instituições estatais por um longo tempo. Vejamos essa afirmação em perspectiva histórica. Conforme estudos de Silva et al. (2017)

[...] através de leis e de ações que levavam em consideração a cor da pele, muitos limites foram impostos pelo Estado à população negra. Cidadania, trabalho, educação, liberdade e, até mesmo, infância nunca tiveram significados equânimes para negros e brancos na construção social do sujeito sul-rio-grandense. Para a negritude, em os seus matizes, o Estado reservou o espaço da invisibilidade (p.60).

Esse espaço de invisibilidade foi sendo rompido pelas estratégias de organização das mulheres negras, cujas lutas por liberdade alcançaram cidadania através da educação formal e da inserção no magistério como alternativa mais comum.

A trajetória de Mestra Elaine é um exemplo que soma nessas estratégias, nitidamente observáveis nas lutas de suas parentas próximas, como mãe e avó.

Incentivada por suas mais velhas, a jovem mestra realizou o ensino fundamental numa escola ginasial, mantida por freiras em São Sebastião do Caí, na sequência fez o curso de magistério em Montenegro, no Colégio Jacob Renner.

Lecionou como professora dos anos iniciais em escolas do interior marcadas pela colonização alemã, como Pareci Novo e Capela de Santana.

As memórias de sua alfabetização e posterior escolarização, até tornar-se professora e acessar o curso de Letras no ensino superior, estão cotejadas pela história narrada em entrevista tomada como centro do presente trabalho. A Mestra lembra de ingressar na escola e começar o processo de alfabetização com as seguintes palavras:

O nome da minha professora, eu sempre soube de cor, Lilian Maria Dutra. Quando eu digo esse nome assim, eu lembro [...] que usava as tranças, né? E ao mesmo tempo usava fitas no cabelo. E ela sempre chegava e arrumava um pouco a minha fita e sempre me olhava com muito amor, sabe? E se debruçava. Essa coisa que acho que a escola tem que fazer. [...] Ela se debruçava, pegava a mão para as garatujas, né? E assim foi. Então eu fui a primeira da turma que aprendi a ler (ESPÍNDOLA, 2019).

Podemos ver que Mestra Elaine tem uma memória afetiva muito forte com a primeira professora, recordando a atitude de arrumar as fitas das suas tranças com carinho, pegar na sua mão e ajudar a fazer as primeiras garatujas (rabiscos) como parte do processo de alfabetização. Sabemos, através de Paulo Freire (1996) que ensinar exige afeição. Igualmente temos acesso a estudos que demonstram o quanto as crianças negras foram preteridas em afetos, por motivos do racismo que estrutura nossa sociedade, como exemplo o estudo de Anete Abramowicz (2010).

O afeto recebido em casa, através da avó dona Maria Alaídes, uma mulher negra sem acesso à alfabetização, cujo esforço e vontade insistiram na instrução da neta, através dos meios que estavam ao seu alcance, é lembrado nas seguintes palavras:

Quando a vó via que eu já estava querendo escrever, ela arrumava jornal lá no Dr. (XX), que era o prefeito. Essas coisas eu lembro bem. Ela não sabia ler e dizia assim pra mim ver quantos A tinham, depois quantos B, quantos C, ia dizendo pra ela o nome das letras e ia apontando. E depois, acho que foi o método que eu também alfabetizei. Que eu alfabetizei 25 anos da minha vida, praticamente. E amava e amo até hoje alfabetizar. E assim que

a vó pôde me ajudar a ler e escrever do jeito dela. Então quando fala “métodos, não sei o que” eu digo “cada um tem um jeito, ou no afetivo, de pegar a mão... Então, que jeito diferente eu tive, né? (ESPÍNDOLA, 2019).

A partir de tal memória, podemos destacar o afeto como evocador de memória e como aprendizagem a ser sustentada nas experiências de vida da Mestre. Pergunto-me se a maioria dos professores já exercitou o pensamento acerca de sua própria alfabetização, observando suas aprendizagens e escolhas, como o fez Dona Elaine. Aprendemos pelos atos dos que nos ensinam e aprendemos pelo afeto a nós direcionado, como tão bem afirma Paulo Freire quando expressa que ensinar exige querer bem aos educandos (2017). Freire nos indaga:

E que dizer, mas sobretudo que esperar de mim, se, como professor, não me acho tomado por este outro saber, o de que preciso estar aberto ao gosto de querer bem, às vezes, à coragem de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano (FREIRE 2017, p.138).

Por outro lado, sabemos que o desafeto oferecido em função do preconceito racial dirigido às crianças negras contribui para dificuldades na alfabetização e na escolarização em geral, pois afetam diretamente a confiança no aprender, atingindo a autoestima infantil, conforme pesquisas de Anete Abramowicz (2010).

Segundo essas pesquisas, a criança negra dos berçários pouco vai ao colo, da grande maioria branca de professores, como exemplo, e isso tem consequências negativas na construção da autoestima infantil. O abraço e o beijo são demonstrações de afeto e tem um poder de morte simbólica para brancos e negros. Para a autora, o abraço racista

[...] mata as crianças que não pertencem a uma ordem hegemônica estética e de saúde dominante a qual exclui os diferentes, mas também mata aquelas brancas crianças pertencentes a ordem dominante do corpo, já que é um tipo de afeto desnecessário ao processo educativo, pois é realizado

para diferenciar as crianças. É um abraço racista que ama a si próprio (ABRAMOWICZ, 2010).

Por isso, as políticas de reparação no campo do currículo escolar são fundamentadas na educação das relações étnico-raciais como possibilidade de quebra de desconfianças e de construção de autoestima positiva para as pessoas negras.

Ainda em suas memórias de escolarização e domínio da leitura e da escrita, Dona Elaine afirma sempre ter gostado de escrever e cita a produção de um poema sentimentalista, redigido no fim do ginásio em homenagem ao seu avô Otacílio e nomeado “Ilha de Otacílio”. Vejamos:

Eu sempre gostei muito dessa coisa de escrever. E se chamava “Ilha de Otacílio”. Eu fiz esse texto, porque foi um texto silencioso, por causa do silêncio dele também. Porque ele tinha se separado da minha vó por causa da bebida, aquele monte de filho também, foram perdendo. E a vó ficou com o lado do arvoredado, que diz que tinha frutas, e que ficava com o córrego assim para a fábrica Oderich (ESPÍNDOLA, 2019).

É interessante perceber nessa última citação que laços familiares tiveram grande influência na repercussão do que foi aprendido no domínio da escrita.

Nessa perspectiva, também o afeto marca o desejo da escrita, pois a memória do avô evoca a necessidade da homenagem ao homem silencioso, mas de valor nítido em sua formação.

Vejamos uma expressão que entrecruza o preconceito racial e a capacidade de afetar-se, recebida fora do ambiente escolar e familiar. Certo dia, rememora Dona Elaine, houve uma queda de um balanço e a necessidade de ser levada desmaiada para a casa de um médico para o qual a avó trabalhava passando roupa. A memória destaca:

Daí ele disse assim quando eu cheguei lá. "Ah, tu gosta tanto de estudar, né negrinha?". E eu gostava. Eu dizia... essas coisas crianças não responde, né? "Então eu vou te dar a pasta do meu filho. Cuida bem essa pasta.". Então a minha paixão pelo couro veio naquela pasta de couro. Ela não era

nova, ela já tinha sido usada. Mas o encantamento de ganhar alguma coisa que a mãe e a vó não podiam dar, porque eu ia com o caderno na mão e ia para a escola para ser alfabetizada (ESPÍNDOLA, 2019).

Destaco que a doação do médico pode ser compreendida como um gesto que gera afeto por parte da menina hoje mulher, pois ela se apega ao objeto de couro como símbolo de seu gosto de estudar. Por outro lado, a expressão “tu gosta tanto de estudar, né negrinha?” expressa as formas do mundo branco se relacionar com um espaço que lhe pertence como espaço de privilégio e de hegemonia.

Ainda sobre essa hegemonia branca, é possível perceber que o local onde Dona Elaine foi Juvenista, a escola de freiras, lhe traz lembranças de exclusão social. Apesar de ser bem recebida na casa das colegas de origem alemã por ter boas notas, ela se lembra de ser a única aluna negra naquele espaço e de comer no banheiro porque a merenda que seus colegas levavam era diferente daquela que ela comia no intervalo, até o momento em que as freiras deixaram-na fazer a refeição numa sala que elas mesmas compartilhavam alimentos.

Dona Elaine reflete sobre os materiais didáticos como construtores da hegemonia branca e acerca da dificuldade da criança negra se identificar positivamente neles. No caso era a imagem do avô refletida nas ilustrações de escravizados em situação de inferioridade. Vejamos:

Então, eu não sei se não queriam que ele tivesse e ele tinha escondido, se ele era tido como batuqueiro também, que aí é uma outra relação. Se um é umbanda, outro é batuque, nunca ia se casar com as rezas da vó, nada disso aí acontecer. Porque ele era daqueles negros que quando eu olho, aquele com o nariz bem chato. Minha mãe era clara, mas tinha o nariz bem chato. Tem nos livros de história, tem a cara do meu avô. Que quando eu tento buscar a árvore lá atrás, eu digo "meu avô com certeza era desse". Porque a gente só se vê por algumas fotos, que no museu eu encontrei depois, porque antes era só desenho nos livros, que a gente via. Daí eu já achava "esse é o vô Otacílio (ESPÍNDOLA, 2019).

Segundo ABRAMOWICZ (2010) pesquisas apontam que o livro didático veicula consequências negativas na autoimagem da criança negra por reproduzir

estereótipos em relação ao povo negro que em geral é caricaturado e colocado em papel de subalternidade.

Graças a luta do movimento negro e avanços na legislação como a Lei 10.639/03, livros mais recentes tentam trazer um papel de representatividade positiva através da luta histórica e da expressão cultural do povo negro.

Ainda sobre o colégio de freiras que Dona Elaine frequentou é importante ressaltar que esse espaço de aprendizagem marcou profundamente em seus aspectos religiosos. Filha de pais de religião de matriz afro-brasileira e africana, ela diz que hoje é muito apegada ao rosário, um objeto de simbologia católica, e também diz que foi batizada na tradição espírita de Alan Kardec. Percebemos aqui uma confluência religiosa, dentro da qual ela preservou as raízes religiosas da família, além de entrelaçar expressões religiosas de outras matrizes.

A seguir, trago algumas conclusões e aprendizagens realizadas através desse estudo na forma de conclusão de curso.

CONCLUSÃO

Foi muito gratificante fazer o processo de estudo e desenvolver os resultados através da finalização do TCC, pois nele se mistura um pouco da minha própria vivência dentro e fora da Universidade. Tal vivência pode ser também a de muitos outros cotistas que, como eu, quando chegam na UFRGS encontram-se solitários. Destaco que meu encontro com a Mestra Elaine deu um novo significado para minha vida estudantil, pois houve acolhimento, identificação e afeto.

No percurso de elaboração do TCC busquei trazer as duas confluências que marcaram a formação educativa de Dona Elaine, a trajetória escolar e acadêmica e o desenvolvimento dela como Griô, através de experiências familiares, comunitárias e do ativismo social. Abaixo retorno algumas dessas confluências e destaco alguns pontos importantes.

A primeira conclusão apresenta um aspecto relacional e cognitivo importante: o fato de que os saberes de Griô e a formação escolar ou acadêmica em nenhum momento se confrontam ou criam hierarquias valorativas de superioridade de um sobre o outro. Ao contrário, parece que criam a confluência, andam lado a lado e se encontram no fortalecimento de uma trajetória de resistência aos percalços sociais do apagamento cultural de espaços comunitários como o Quilombo da Mocambo. São confluências capazes de criar modos de resistência ao racismo com viés pedagógico e educativo centrado no afeto e no querer bem.

Um exemplo de como essa confluência pode ser provocadora de reflexão é a dupla denominação para a árvore que ficava no território da comunidade Mocambo, a *ficus elastica* ou como é conhecida popularmente - falsa seringueira. Na denominação comunitária a árvore é conhecida como “o grande baobá” ou “árvore do lembramento”. Um acadêmico que só teve acesso à tradição científica eurocentrada diria que trata-se de uma árvore *ficus elastica*, sem nenhum outro significado do que o da classificação biológica hegemônica. Um acadêmico com acesso aos estudos acerca da história e cultura africana e afro-brasileira, através da relação com o conhecimento advindo dos saberes comunitários construídos no Quilombo da Mocambo, diria que é uma falsa seringueira, em um espaço de preservação da memória negra e quilombola da cidade, com o significado de reverência à uma ancestralidade africana que a denomina também como “árvore do

lembramento e grande baobá”. Qual está certo? Ambos, na medida em que confluem e contribuem para a compreensão da história da cidade e aportam narrativas para o ensino em contexto da pluralidade epistêmica e social. A branquitude e o racismo que ainda operam nos espaços acadêmicos e sociais, assim como nas narrativas históricas que atravessam o passado e o presente, criam barreiras para essa confluência, pois se impõem a partir de um ensino de história ainda colonizado. As brechas para a descolonização dos currículos a partir da educação das relações étnico-raciais (GOMES, 2012) estão sendo desenvolvidas e com elas pretendo coadunar meu trabalho.

Um segundo aspecto aprofunda o viés pedagógico centrado no afeto e no bem querer que caracteriza a trajetória da Mestra. Dona Elaine se alfabetizou em um período onde poucas mulheres negras tinham acesso à escolarização e, em suas memórias, conta sobre as estratégias familiares de mulheres à sua volta que não tiveram acesso ao ensino, mas que queriam emancipar a pequenina mulher da nova geração. O amor ao letramento foi um grande diferencial e marcou a forma com que ela viria alfabetizar crianças e adultos mais tarde.

O afeto e carisma que Dona Elaine dedica a todos à sua volta chama atenção de quem lhe conhece. Esse afeto e carinho transbordam nas narrativas de sua infância, tanto em lembranças da comunidade familiar quanto da memória de sua primeira professora. Destaca-se a influência matrilinear nas marcas acerca da maneira como as mulheres de sua família lhe tratavam, mostrando que nos espaços onde há laços de acolhimento, a criança tende a desenvolver sua autoestima e seu desejo de aprender, possivelmente reverberando diante do mundo, no caso dela tanto como professora quanto na qualidade de Griô.

A infância interiorana de Dona Elaine marcou profundamente sua maneira de ser e de ensinar. Foi em São Sebastião do Caí, às margens do rio Riachuelo, junto a sua avó materna Maria Alaídes e da mãe Maria Eulália que nasce a Elaine Griô. A Elaine que tem o conhecimento e respeito às plantas, que valoriza a oralidade e os saberes populares e comunitários, capaz de ser reconhecida como cidadã de relevância nas lutas por emancipação social do povo negro em Porto Alegre. Ela se escolarizou em um espaço social de hegemonia branca, porém as

características sociais que remetem a sua ancestralidade foram mais fortes e prevaleceram.

Ao longo da trajetória de Dona Elaine foi posto sobre ela uma grande expectativa para que ela não “assinasse com o dedão”, como muitos dos parentes que lhe criaram. Tal expectativa está impressa nela como ser uma Mestra Matriarca dentro do Quilombo da Mocambo, cujo objetivo é dar continuidade ao seu aprendizado internamente e externamente à comunidade.

Hoje ela é uma grande liderança dentro do Quilombo e todo dia é uma luta e quem adentra o espaço percebe o diferencial que exala união, força e resistência comunitária. Isso é possível graças à confluência entre os distintos saberes presentes na trajetória da Mestra Griô, capazes de criar mecanismos ainda mais fortes de resistência e da preservação da identidade das famílias que pertencem ao Quilombo. Tais saberes compõem as possibilidades de compreensão completa da história de Porto Alegre e são fundamentais para o ensino de história comprometido com a luta antirracista.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de; RODRIGUES, Tatiana. C. A criança negra, uma criança negra. In: ABRAMOWICZ, A; GOMES, N. L. (Orgs.). *Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: *Psicologia social do racismo- estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil* Iracy Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Orgs.). Petrópolis, RJ: Vozes, p. 25-58, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico raciais e para o ensino da História afro-brasileira e africana*. Brasília: SECAD/MEC, 2004.

BRASIL. Congresso Nacional. *Projeto de Lei 1786/2011*. Institui a Política Nacional Griô. De Autoria de Jandira Feghali e outros. Brasília: Congresso Nacional, 2011. Disponível em <<http://www.leigrionacional.org.br/files/2013/05/PL-Lei-Griô-Nacional-1786-2011.pdf>>. Acesso em: 10 de junho de 2019.

DEVIR, Filme. Keita: A Herança Do Griot / Keita! L'héritage Du Griot (1996). Youtube, 1996. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=yzqbaFH14CQ&ab_channel=FilmeDevir>. Acesso em: 31 de março de 2021.

ESPÍNDOLA, Maria Elaine Rodrigues. *Entrevista*. [outubro, 2019]. Entrevistador: Edília da Silva Viegas. Porto Alegre, 2019. 1 arquivo .mp3 (70 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A deste TCC.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

GONÇALVES. L.A. Negros e a educação no Brasil. In: LOPES, Eliane Marta T.; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive da (Org.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. P. 325.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. *Pensar a educação, pensar o racismo no Brasil*. In: FONSECA, Marcus Vinícius; SILVA, Carolina Mostaro Neves da; FERNANDES,

Alexsandra Borges (Org.). *Relações étnico-raciais e educação no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza, 2011. P.93-144.

IBGE. ESTATÍSTICAS DE GÊNERO. *Indicadores sociais das mulheres no Brasil. Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica*. IBGE. Número 38. <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf>. Acesso em 12 de julho de 2019.

IPEA. *Retratos das desigualdades de gênero e raça – 1995 a 2015*. Ipea. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/170306_retrato_das_desigualdades_de_genero_raca.pdf>. Acesso em 12 de julho de 2019.

LATINOAMÉRICA. Intérprete: Calle 13. Álbum Entren los que quieran, 2010.

LOPES, Nei; MACEDO, José Rivair. *Dicionário de História da África: Séculos VII a XVI*. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MATO, Daniel. No hay saber universal: la colaboración intercultural em laproducción de conocimientos és imprescindible. *ALTERIDADES*, Ciudad de México, v.18, n. 35, p. 101-116, 2008.

MENEZES, Magali Mendes de [et. al.]. *Direitos Humanos em Debate: educação e marcadores sociais da diferença*. Porto Alegre: CirKula, 2019. MESTRA GRIOT ELAINE. Eu só queria começar dizendo: nasci...p.139-151.

MINAYO, M. C. S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 26. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

PACHECO, Lillian. *Pedagogia griô: a reinvenção da roda da vida*. Lençóis, Grãos de Luz e Griô, 2006.

PEREIRA, Amauri Mendes. *Trajetória e Perspectiva do Movimento Negro Brasileiro*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008. 128p.

PINHEIRO, Patrícia Goulart. *Saberes tradicionais de Matriz africana e suas potencialidades no ensino de ciências da natureza*. Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Biológicas. UFRGS, 2018.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos: modos e significados*. Brasília: UnB/INCTI, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula [orgs.] *Epistemologias do Sul* – São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Fernanda O.; SÁ, Jardélia R.; GOMES, Luciano da C.; ROSA, Marcus Vinícius de F.; PERUSSATTO, Melina K.; SILVA, Sarah C. A.; SANTOS, Sherol dos. *Pessoas comuns, histórias incríveis: a construção da liberdade na sociedade sul-riograndense*. Porto Alegre: Ed. UFRGS; EST Edições, 2017. 112p.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. *Valores Civilizatórios Afro-brasileiros e Educação Infantil: uma contribuição afro-brasileira*. In: TRINDADE, Azoilda Loretto da; BRANDÃO, Ana Paula (org.). *Modos de Brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. (Coleção A Cor da Cultura, v. 5.).

ANEXO A – (entrevista transcrita sem correções)

Entrevistada: Maria Elaine Rodrigues Espindola (Dona Elaine)

Entrevistadoras: Edília da Silva Viegas e Professora Carla Beatriz Meinerz.

Data da entrevista: 29 de outubro de 2019

Transcritor: Tessitura Trabalhos Acadêmicos

Data da transcrição: 10 de setembro de 2020

Entrevistadora: Dona Elaine, muito obrigada pela entrevista. Eu vou começar com duas perguntas bem básicas. A primeira é: conte o que você lembra da sua época de escola desde a alfabetização até tornar-se professora.

Dona Elaine: Sem explicar o lugar que eu nasci... A minha alfabetização mesmo se deu em São Sebastião do Caí. Foi um período em que a mãe estava casando de novo. Eu sou filha do primeiro casamento, filha única. O meu pai faleceu quando eu tinha seis meses. Então, nesse período, a mãe vinha pra cidade (Porto Alegre). Os meus padrinhos eram daqui. Tanto ela como as irmãs, eles eram 18 irmãos, mas que ficaram assim... E que eu vi, conheci, foram seis. Mas no período que a vó disse que tinha, que eram adultos e depois faleceram... Eu acho que foram uns oito assim. Então, eu me lembro desses que eu cresci vendo. E tanto a tia que era mais nova, a tia Romilda, que é mãe das únicas duas primas que eu tenho lá do lado materno... Elas vieram para a cidade como qualquer outro jovem do interior quer vir pra cidade grande. Então vieram, e eu fiquei muito com a vó. Tenho muita memória da vó, né... afetiva. Porque minha mãe veio trabalhar, mas em casa de família. E esse trabalho dela, eles moravam em seus empregos. E conheceu o pai, já falecido, eu chamo de pai, mas foi meu padrasto. E começaram a se mudar porque o Brigadiano, o Pedro Paulo depois, mas o brigadiano, aquele clássico que eles chamavam 'pé de porco', que eu me lembrava assim que o pai chamava ele de 'pé de porco', eu vi isso. E não sentia no sentido pejorativo, eu não sei se era pelo formato desse local que a vó era, que a mãe conviveu. Teve um dia que ele foi para um lugar chamado São Sebastião do Caí, mas a vó já estava em São Sebastião do Caí, né? Porque em São Sebastião do Caí nós temos a convicção de ter terras, mas não temos a materialidade do processo. Eles moravam na beirada como eu meu avô também, Otacílio, na beirada do Rio Riachuelo. O Rio Riachuelo está lá ainda. É toda uma enorme terra assim,

que eu lembro que ia de uma ponta a outra, como se fossem quadras, era atrás das conservas Oderich. Elas eu tenho certeza que não mudaram, agora está diferente, mas não mudaram. E ali a vó ainda fazia os quitutes, ela tinha grande orgulho de ser chamada 'quituteira'. E um tempo antes ela tinha adquirido, onde foi o ginásio que muito passei também nas idas e vindas pra capital, naquele ginásio, foi lá que eu me formei. O ginásio São Sebastião do Caí. Quando depois ela saiu de casa, dessas terras, entregou para um dos prefeitos, porque ele disse que ela podia trazer os filhos para morar com ele, que fica bem pertinho do ginásio e bem pertinho da igreja. Então São Sebastião do Caí, ginásio, a igreja, assim não é um topo, mas é uma elevada desse rio Riachuelo. E aí, a mãe, ainda tinha as bandinhas que tocavam, e aí a mãe veio mais pro lado de Porto Alegre...

Entrevistadora: Então, se tu puder falar um pouquinho mais alto...

Dona Elaine: Daí a mãe começou a vir para cidade, me deixava com a vó.

Entrevistadora: Porto Alegre daí?

Dona Elaine: Ah sim, Porto Alegre. E a tia Romilda também, todas ficaram. Mas a mãe sempre mais trabalhou em casa de família, mas a mãe sempre foi muito festeira. Me trazia... Me lembro uma vez em Sapucaia que o pai foi destacado, que se diz na fala militar, porque eles não paravam muito, foi para São Sebastião do Caí, e ali ele ficou um pouco e chegou minha hora de estar na escola. Então me colocaram nesse colégio. O nome da minha professora, eu sempre soube de cor, Lilian Maria Dutra. Quando eu digo esse nome assim, eu lembro... É como se eu lembrasse de um... É que eu me lembro que eu usava as tranças, né? E ao mesmo tempo usava fitas no cabelo. E ela sempre chegava e arrumava um pouco a minha fita e sempre me olhava com muito amor, com muita... sabe? E se debruçava... Que é essa coisa que a escola eu acho que tem que fazer. Desculpa, mas eu já tenho também que colocar essas coisas que professor não tem mais tempo de fazer, né? E se debruçava, pegava a mão pras garatujas, né? E assim foi. Então eu fui a primeira da turma que aprendi a ler.

Entrevistadora : Isso em São Sebastião do Caí?

Dona Elaine: Em São Sebastião do Caí.

Entrevistadora: Tu não lembra o nome da escola?

Dona Elaine :Eu lembro que ela é bem no centro, perto do posto de gasolina. Vocês já falaram mas eu quero dizer o nome certo. Agora está me dando uns panes de memória. Só que não terminei... Eu sabia ler, mas eu não terminei no final do ano, né? Porque daí a mãe já tava namorando o meu padrasto, depois se casaram, e ele tinha que ir pra Capela de Santana. Porque quando vem o papel para sair, eles saem no outro dia, leva o que tem, arruma casa, normalmente a própria brigada já acha um lugar pra ficar, pra ficar com a família... Porque eles tinham que construir uma prisão, uma cadeia em Capela de Santana. E essa cadeia ele ia ser o responsável, ele ia ser destacado para esse lugar... É que brigadiano é tudo, né? Desde pegar o ladrão de galinha até os grandes crimes, depois tem que levar pra cidade, para comarca, era tudo subdistrito de São Sebastião do Caí, mas voltando a São Sebastião do Caí... Então quando eu fui sair, que é um dos últimos momentos que eu tenho na memória daquela casa que eu me criei com a vó e o vô Otacílio, foi assim do vô me chamar e eu fiz um texto e perdi nas águas depois quando eu tava no ginásio. Eu sempre gostei muito dessa coisa de escrever. E se chamava "Ilha de Otacílio". Eu fiz esse texto, porque foi um texto silencioso, por causa do silêncio dele também. Porque ele tinha se separado da minha vó por causa da bebida, aquele monte de filho também, foram perdendo. E a vó ficou com o lado do arvoredo, que diz que tinha frutas, e que ficava com o córrego assim para fábrica Oderich. E o vô pegou o restante das terras para lá para trás onde sai nas outras ruas e que serpenteava mais o rio ainda. Ela ficou na zona mais seca, né? Mais próximo da igreja. Talvez umas cinco, seis quadras, mais ou menos por aí. Eu "semi alfabetizei". Eu me alfabetizei, né? Mas eu sabia lê e juntar. Lembro que essa professora chorou muito quando saiu. Chorou muito. E eu olhava para ela porque eu não sabia porque ela tava chorando, mas talvez o que eu acho assim... que talvez não poderia ter mais futuro terminando o primeiro ano e indo pro segundo ano, não sei.o que pensou... não tenho a menor ideia... Mas essas coisas sempre me vem muito à memória quando eu vejo uma criança e eu digo para minha filha (ininteligível) e eu olho para uma criança e já tive o retorno dela. Desse formato de (ininteligível) como a professora me viu lá. Que ela disse assim, "mãe tudo pode sair", posso ficar lendo o relato assim.. Mãe, tu pode sair e comprar, vou te deixar meu cartão. Não faz dois anos que ela saiu da Restinga, "Te dou meu cartão para ti comprar umas coisas para as crianças". Daí eu disse... Era um festejo desses que tinha aí. Acho que era

páscoa. Aí ela disse assim "não esquece que tu tem que comprar alguma coisa... uma fitinha azul, uma fitinha rosa". Assim, isso tá no mundo da gente. E eu digo "não, Dani, mas pode ser tudo igual, é Páscoa". Porque ela desenhava, ela recortava. E colocava nos pacotinhos, a gente colocava essa pipoquinha, que era maravilhosa, e enchia com mais alguma coisa, mas sempre eu que compro. Até hoje... Ela disse "poxa, mãe, eu não tenho dinheiro, mas eu tenho que dar, porque as crianças que eu tenho...". E ela passou um choque muito grande na última escola que ela esteve. "Com as crianças que eu tenho talvez a lembrança alguns deles vai ser só isso, eles ganhando alguma coisa nesse tamanho que eles tão, porque depois...". Porque ela sempre disse assim "ah, vamos ser professor, médico, não sei o que..." e "não, eu quero ser traficante". Então é uma realidade muito dura na nossa vida a Restinga. Daí voltando para mim de novo. Eu não sei viver muito sozinha, eu acho assim. Essa questão de voltar para casa, de brincar numa pracinha, de fazer a arte que nem qualquer criança, quando voltava a gente tinha uma pracinha, e nessa pracinha eu fui com menina e menino na saída. Na saída a gente se pendurou naqueles balanços, aquele que o ferro fica girando sozinho mesmo depois que tu larga, e levei uma "bangornada" naquelas na cabeça. Quando acordei até já estava em casa, mas tinha ido no hospital, eu acho que tinha levado ponto. Eu só lembro agora tudo sujo de sangue e depois não vi mais nada. Mas também né o desespero da mãe, da vó, que sempre cuidavam mais, e do próprio vô, foi ser chamada quando eu melhorei no patrão da mãe e da vó, porque a vó lavava as roupas tudo, e a mãe ia lá e passava. Daí ele disse assim quando eu cheguei lá. "Ah, tu gosta tanto de estudar, né negrinha?". E eu gostava. Eu dizia... essas coisas crianças não responde, né? "Então eu vou te dar a pasta do meu filho. Cuida bem essa pasta.". Então a minha paixão pelo couro veio naquela pasta de couro. Ela não era nova, ela já tinha sido usada. Mas o encantamento de ganhar alguma coisa que a mãe e a vó não podia dar, porque eu ia com o caderno na mão e ia para escola para ser alfabetizada. Voltei daí para casa, voltei para vó, lembro da marmitta que a vó ainda fez. Porque daí nós ia na divisão do terreno, naquela divisão do terreno. Eu levava comida pro vô lá. Aprontava, amarrava num pano de prato para não esfriar, na vianda, eu ia até a metade daquela quadra, daquela imensidão, porque para mim

era muito longe, levava. E o vô ia vindo, que ele tinha perdido uma perna, que ele foi motorneiro dos bois e perdeu uma perna embaixo de um monte. Então a vó sempre dizia que ele tinha também bebido, foi no dia da separação, enlouquecido. Porque pros mais antigos, têm uma crença, que eu sempre falo e ouvi as pessoas falando, que quando tu pega cachaça e raspa a unha tu fica enlouquecido. Tem uma crença muito forte no interior por isso. E a vó dizia que ele tinha bebido, bebido, com aquelas raspas de unha. Outra também por causa das mulheres. E quando viu tava embaixo de um trem, dum bonde. Daí voltou, perdeu metade da perna, andava com muletas, que ele mesmo fazia, ele até fazia um jeitinho enroladinho. Daí quando eu vejo pessoas que tão com muletas industrializadas, fabricadas, eu fico pensando "que sufoco também, não passou a achar alguma coisa da altura, poder botar, adaptar". E o vô, daí porque nós já vínhamos vindo mais para cidade que era Sapucaia, tinha que vir com a mãe, e o vô disse, me pegou pela mão e disse assim "vem cá", o vô tinha uns tonéis assim dessa altura, acho que tinha uns quatro, cinco tonéis daquele ninguém gostava muito de chegar perto ali, mas quando eu vinha eu sentava embaixo da árvore, mas ele me botava perto daqueles tonéis e falava, falava. Me ensinava como eu tinha que escovar os dentes. Tanto que eu não levei a sério e eu já tenho até prótese. Ensinava como tinha que fazer com o carvão, como tinha que fazer, sentava o fogo no (ininteligível), fogo no chão, botava chaleira, fazia café, me dava. Porque quando eu vinha da escola eu passava primeiro nele lá por trás, e depois vinha para frente que era onde a vó estava. Tudo isso assim que são as memórias mais próximas que eu posso falar, né? Porque a minha memória afetiva mesmo é a da vó. Fazendo pastel na mesa, botando para mim e dando para mim comer quando a mãe vinha daí para Porto Alegre, mas sozinha ficava, que eu não sei medir o tempo. E ela ficava comigo para dormir e tudo. E ela, entre aspas, me criava. Então tipo a Nilce (prima) também foi um mês, e ela ficava numa cadeirinha.. eu lembro que eu tinha praticamente em torno de dois anos. Nunca esqueci isso. Então quando a Olívia teve a mesma sensação, o dia que ela tava doentinha. Ali no Mocambo, E eu tava ali, com as minhas filhas. E ela tava tão fraquinha, tão doentinha, de certo já tinha levado num médico não sei o que... Eu digo "passa com ela aqui". E eles chegaram lá com um amigo, com o Gustavo, e me entregaram um livro naquele portão do ladinho ali. E ela tava assim caidinha, caidinha. Em torno dessa idade. Não come, não quer nada - a mãe disse. Entrei,

botei ela nas ancas e fui pro fogão. E eu tinha guisado. E botei ela assim, ela ficou assim olhando... E fui fazendo aquele guisadinho. E como ela tava fraquinha, a pontinha daquele liquidozinho ficou assim na boquinha dela. Daí ela foi provando, quando vê. Isso ela não esquece, quando ela tá incomodada lá e qualquer coisa, ela diz "ô vovó, eu quero que tu faça aquele arroz, o feijão e o guisadinho. Eu quero comer o guisadinho da vovó". Tá dentro. É aquilo que te entra e depois tu conta. É a nossa relação. É o nosso afetivo. Talvez com a comida, quando a gente chama todo mundo ali, conta história da afetividade no ambiente maior. E daí isso nos fortalece, sabe? Então, essa coisa de nós não ter escrito. Eu ainda sou daquela época: para mim pouco faz se tá escrito ou não. Porque eu ainda tô conseguindo falar, tô conseguindo contar, né? Agora também tô na distância da Olívia, que eu queria que ela morasse junto comigo, se pudesse. Eu digo "a vovó não tá junto aqui, porque quando a vó sair daqui, a vó vai falar (ininteligível). Ah, agora ela diz assim "não é justo, né vovó?". Ela faz seis anos essa semana, eu fui lá de noite dar um abraquinho, levar o bolinho dela. Ela disse alguma coisa e ela "não é justo, né vovó?". Então, essa coisa está se formando nela. Talvez também de ter uma sequência, não precisa isso, mas saber que ela tem que olhar pro outro lá atrás. Então isso é muito belo assim, quando a gente consegue trazer essas coisas. Mas o meu padrasto, ele continuou nessa mudança que eu tô fazendo nesse tempo. E o vô nunca se meteu assim na vida das filhas. Talvez porque aquela coisa, a gente sempre fica mais próximo da mãe, a mãe ficava mais próxima da mãe dela, que daí também me cuidava. E o avô me passou por um enorme pé, aquele que dá florzinha roxinha que cai, o ipê. Mas vocês não sabem o que foi aquilo, aquele ipê dividia com um outro vizinho que ele tinha, e as raízes tanto que nem ali no mocambo. É toda uma coisa que "meu Deus o que eu faço com essa diferença de coisas". E passou por mim, me pegou pela mão na divisa da vó para ir lá com ele. Ele queria me mostrar um segredo. Passou, mas, eu peralta... Eu lembro que vi uma bergamota e sai meio correndo assim do lado dele, tudo correndo, e passei por aquele enorme... eu digo que era o jatobá da minha infância. A árvore baobá. Foi da minha infância, né? E eu passei correndo e caiu uma flor daquela em mim. Daí eu olhei, daí ele disse "não, isso aí é para te abençoar, vai indo". Daí subi na árvore, peguei as bergamotas, e

ele me mostrou um segredo dele, que naqueles barris, ele me mostrou um, eu acho que não vi nada, mas no outro que era enorme tinha sapos. E eu olhei e fiquei fascinada pelos sapos. Mas o vô falou uma coisa que eu não consegui entender, nem lembrar. Talvez fosse pela própria origem dele, uma relação dele que ele tivesse de memória, porque interior também, tinha mato a volta. O chiado do sapo a gente sempre ouvia, a gente ouve lá fora. Que a zona era bem mais fechada. E ele me mostrou aquele... Eu me lembro, assim. Mas daí ele disse assim "tem outro pequeno", que era perereca. Todo mundo sabia, daí ele mostrou o pequeno, falou um monte de coisa assim, que eu tava olhando aqueles bichos ali, um pulava, outro não, mas não assim para sair, estavam acomodados ali. Depois quando eu fiz o texto para mim entrar no ginásio, na admissão, eu fiz esse texto. "A Ilha de Otacílio". Que ele vivia isolado... Não cheguei a publicar eu acho na Folha da Tarde na época, acho que eu não cheguei a publicar.

Entrevistadora: Tu ainda tem?

Dona Elaine: Não... Foi nessas águas, nessas viagens, criança... Eu tive duas grandes enchentes quando casada. Depois, outro grande derramamento d'água que foi o mocambo. E quando eu casei, na Mariano de Matos, que eu morei lá, que a casa era de todos os filhos, cada um tinha uma área. E ali rebentou a represa ali do quartel, que a casa da família do Cláudio é na Mariano, fica de fundos com... E aquilo alagou tudo, todas as famílias tiveram que sair, perderam tudo. E nós éramos recém casados. A gente primeiro morou numa peça do lado deles na Mariano até a nossa casinha estar pronta dentro do terreno. Então, fiquei com a memória mesmo. Mas nunca esqueço desse título que um dia eu quero voltar a escrever e puxar pela memória, né? Se eu soubesse leitura labial, mas criança... E o vô me mostrou isso que era um grande segredo. Então, eu não sei se não queriam que ele tivesse e ele tinha escondido, se ele era tido como batuqueiro também, que aí é uma outra relação. Se um é umbanda, outro é batuque, nunca ia se casar com as rezas da vó, nada disso aí acontecer. Porque ele era daqueles negros que quando eu olho, aquele com o nariz bem chato. Minha mãe era clara mas tinha o nariz bem chato. Tem nos livros de história, tem a cara do meu avô. Que quando eu tento buscar a árvore lá atrás, eu digo "meu avô com certeza era desse". Porque a gente só se vê por algumas fotos, que no museu eu encontrei depois, porque antes era só desenho nos livros, que a gente via. Daí eu já achava "esse é o vô Otacílio". Nunca pude

buscar a árvore dele, e por que ele tava no Caí, por que tava ali. Daí começou, daí o vô e daí a vó. A vó que sempre falava mais comigo, me botava para dormir. Me lembro dela chorando na janela, quando a mãe tava me levando para um pai, para ir para Sapucaia. Talvez ela pensasse que não ia me ver mais. E aquela da própria afetividade. E era só eu, a filha do casamento da minha mãe. E ela me chamava de "Laine", daí eu "Olívia". Tempos depois parece que os nossos revivem nas nossas crianças. Porque a Olívia de nada ela dizia "bobó Laine". Depois ela perdeu o bó e ela continuou "vovó Laine" até hoje. Ela diz "vovó Laine" daí eu fico pensando assim "da onde?". Porque uns até dizem Laine, coisa assim, mas ela diz aquilo que entra dentro de mim, sabe? Eu fico assim, esse vovó Laine dela no meu ouvido, essa vozinha dela tá dentro de mim dizendo isso. Daí a vó também me disse, me contava, cada um deles me contava alguma coisa, né? O vô contava que a gente tinha que fazer assim com os dente, trançava o cipó, porque tinha que fazer coisa assim nas árvores lá, me levava na cerca para mim apanhar as bergamota, porque a vó não levava. Ponhava como, sabe aqueles ganchinhos? O medo de cair de repente, mas o vô não, o vô deixava eu subir na bergamoteira, na laranjeira, naquelas coisas tudo, eu acho que até na cerca se deixar, ele me deixava passar por baixo e ele ia me deixar fazer as artes que as mães não deixavam eu fazer. E a mesma coisa eu faço com os meus filhos. "Não passa, vai te rasgar", sabe? É uma coisa que a gente, nem sei o porquê da gente fazer isso, porque a mulher é mais cuidada... Daí tu começa a fazer uns recortes e olhares de gênero. Não tem como não fazer. Porque o homem deixa tu te aventurar. Mesmo assim, porque era para ir pro mundo, talvez porque ele não tivesse outro neto. Até para deixar a gente conhecer o mundo. Então essas duas coisas ficou muito assim do vô. Essa questão daqueles tonéis tudo esverdeado. Porque para criança é uma aventura, não é um medo. Porque ele não me assustava com aquilo, então ele queria passar uma mensagem. E eu tô para ver, quando tiver um tempo, de repente possa até tá numa cama, numa cadeira de rodas, não sei. E daí pode ser que eu tenha tempo de ir no (ininteligível) para ver as etnias, quais as que se dedicam a mais essa questão de onde tem mais o sapo, onde tem mais não sei o que, para entender esse...

Entrevistadora: Ele criava sapo...

Dona Elaine: Ele criava. Para mim a palavra era criar. Ele cuidava, para ele era cuidado, era quem sabe a fala dele. Era as benzeduras que ele... Sabe se lá o que ele fazia com aquilo. Ou uma nova descoberta que a gente ainda não sabe. O que será isso aí? Eu me pergunto muitas vezes. Eu começo a pensar... Agora até eu tô mais envolvida com outras coisas, mas agora até para as crianças, as crianças assim com 40 anos, mas eu ainda falo. Agora vou falar para Olívia do bisavô dela fazendo essas coisas. Mas a vó já tinha uma outra forma que era no colchão de palha de milho do lado dela o candeeiro. Não tinha luz. O candeeiro e ela falando dos filhos, que ela tava pensando em fazer uma coisa, daí eu acho que foi quando ela teve que vir para cidade para tia Romilda. A gente não entende, né? Mas lembro dela falando isso e dizendo que ela tinha tido muita criança. E aqui a Cecília morreu, então ela não enterrou aquela criança mesmo. Ela enterrou no pátio. Daí ela disse assim "a Cecília morreu porque eu não tinha comida para dar para ela". Daí ela foi dizendo assim "Mamãe, mamãe". Ela dizia a palavra "mamãe". Foi dizendo fraquinho, fraquinho e eu não pude dar nada para ela e ela morreu. Então, em São Sebastião do Caí, não sei como está aquilo agora, mas tinha criança enterrada lá. Aquela coisa de enterrar o umbigo. Meu umbigo tá enterrado lá também. Nasci na Santa Casa, mas meu umbigo não foi tirado para botar fora, foi tirado lá com a vó. Essa é uma coisa que me dói assim. Quando eu estava na frente do Fome Zero, que daí eu não fui coordenadora de Porto Alegre, mas eles faziam questão que eu tivesse acesso da coordenação de Porto Alegre com os produtores rurais e no escrever para vim os alimento. Eu sempre fiz isso para as gurias, dona Ana faleceu, mas a Rose tá viva ainda. E eles terminaram com o Fome Zero quando o Betinho criou. Então chamava para estar junto. E o Mocambo tem agora fazem quatro anos. Vai fazer quatro anos. Mas a gente mantém as escritas, mantém tudo, porque se no momento contestarem cadê a fase beneficente estatutária do Mocambo, a gente tem 40 famílias cadastradas no Fome Zero de Porto Alegre. Filhas de ex-presidiários, de quem tá em liberdade. Só que eu sempre dei os alimentos no sábado, também por um pouco de receio. As gurias também muito receosas, que no sábado tem muito movimento no centro. E quando eles pedem alimento, eu dava sempre a rancho. Eu nunca dei pacote fechado, porque eles trocam, vendem por droga. Então eu sempre dizia assim, quando eu não podia dar cinco quilos de arroz, "ó, tu vai levar quatro e meio, daí eu vou abrir o saco, separar num pacotinho de supermercado, tudo leva

mais meio, e o outro meio tu leva assim". Você pensava nessas estratégias para fazer com o que ele ou comesse na rua ou levasse para casa, né? Não trocar. Porque quando eu já tava casada no período no Plano Real, nós ganhávamos o tíquete do leite, que a gente tinha as três crianças pequenas, e a João Alfredo ainda era onde eu levei o Duan para ver onde está o Nacional. Ele fazia uma curva, agora é na Aureliano. Por isso que algumas pessoas ainda lembram de lá, porque ali era a associação da João Alfredo e da Cidade Baixa. E a gente ganhava os tíquete do leite, e tinha pessoa que tinha gato, ia lá buscar para dar pros gatos. E eu não tinha para dar pros meus, já era professora e já tava separada, não tinha, porque aí o Cláudio não dava, não tinha... As brigas de casais tu não ganha nada. E nunca botei ele na justiça para dar pros filhos dele. Porque aí a mulher tem outra coisa quando não denuncia, porque a gente pensa nos filhos, né? Como eu vou dizer que o pai tá preso porque ele não deu comida. Eu sou mulher como qualquer outra mulher, com aquela criação dos meus filhos. Daí a mãe tava viva aqui em Porto Alegre, muito presente para essas coisas também. Então tudo isso tu vai somando e tu faz a tua vida, tua história, da tua lembrança... Que semi alfabetizei naquela escola. O nome daquela professora, nunca esqueci. E vim para cá com a mãe. Fiquei com a minha madrinha que era (ininteligível) Pestana. Muito tempo sendo criada, daí a Tia Romilda não era casada, era mais moça que a minha mãe. Ficou um tempo com a minha mãe e depois foi morar também com a minha madrinha. E eu amava quando chegava na madrinha, que o padrinho Luiz.... eu sou batizada também no Alan Kardec... uma série de coisas da gente... e o padrinho Luiz dizia assim. Eles tinham 25 afilhados, mas quando eu chegava lá eu era a preferida deles. Era tão maravilhoso que eles deixavam eu pensar isso, sabe? Eu sentia isso. Até depois de casada, quando fui casar, levei o meu padrinho para serem meus padrinhos também. E daí o meu padrinho me ajudava a ler e a escrever. A madrinha Jandira fazia comida, daí eu já tinha oito anos por aí. E o padrinho ajudava a escrever. Gordo, sentado, que ele tinha sido ferroviário e tava aposentado. E daí ele puxava as coisas da linha férrea porque eles eram maquinistas. E daí ele fazia o barulho para mim. E o trem passava por ali também. De botar na máquina o café com pão café com pão. Nunca esqueço "bota fogo sei lá o que"... E aquilo ele me mostrava,

ele desenhava a fumaça, e daí mandava eu desenhar também. E ele ajudava a escrever. "Máquina" eu tinha que escrever. Como é difícil para a criança escrever o q-u-i, né? Por causa do som. É difícil e ele me ajudava também. Daí a mãe tava em Sapucaia. Eu me lembro que na janela a mãe ficava junto, a mãe ficava preocupado que tava grávida. Aí já tava grávida do meu irmão mais velho. Que é o Caio. E eu tinha essa fase assim, já tava no nove, nos 10, mas a mãe disse assim "não, tu vai ter que ficar...", porque a mãe teve um filho assim atrás do outro, "tu vai ter que ficar com a vó por causa do colégio". E daí a vó mandou uma outra tia que eu tinha, a tia Erci que viveu no Rio de Janeiro. A tia Erci tinha vindo e também ia ajudar a vó a me cuidar, que também a vó já tava ficando velha. E a tia Erci também me ajudava, falava das coisas do Rio de Janeiro, ela era encantada, ela teve um filho e veio de volta para a família, mas perdeu o filho. E a tia Erci acabou também me ensinando. Ela me ensinava um pouquinho do crochê que ela fazia. A vó sempre fazia as comida, às vezes eu ia lá, buscava vianda. E a vó não sabia escrever. O vô sabia mais que ela. Talvez por causa da profissão, que ele tinha que entender aquele processo. E eu lembro que a vó, chegava os caras da prefeitura, sei lá, ela botava o dedo.

Entrevistadora: E a tua mãe, ela é alfabetizada?

Dona Elaine: Não, a mãe... Ela sabia ler um pouco, mas ela não era alfabetizada. Usava um pouco também o dedo. E a letra bem garatuja. Daí a vó disse "mas agora nós temos que ver, essa guria tá parando de ir pro colégio, e como nós vamos fazer tudo isso". Minha mãe chama Eulália, mas chamava Delai. Daí elas sentaram lá, daí eu que foram para mim ir para o ginásio. Era o admisão. Tem que fazer a conta quantos anos eu tinha, não sei mais. Não sei mais... para mim fazer o admisão. E eu fui pro colégio de freira. Que são as freiras franciscanas. Eu levava merenda, eu não tinha merenda para levar.

Entrevistadora: Isso também em São Sebastião do Caí?

Dona Elaine: Daí voltei para São Sebastião do Caí. Depois de tá ficando com a madrinha, de tá ficando com a vó, então nós vamos ter que fazer o que... Daí as freiras, como eu não ganhava, nunca tive sorte de ganhar prêmio, lembro assim que elas faziam sorteio. Daí eu sempre ganhava a santinha de mais comportada. Eu achava tão bonito. Só eu ganhava a santinha, eu não ganhava nada no sorteio.

Porque não sei... E elas sempre falavam com a vó... Se eu não me engano tem uns guris e eu não podia voltar para cá, ela não podia voltar pro Caí nada.

Entrevistadora : Ficou internada?

Dona Elaine: Foi quando daí a vó. É, quando eu fui fazer o admissão, aí a vó disse assim: "então a Laine vai aprender a ler". Daí eu tava sentada no canto assim, alguma coisa essas bruxinhas assim que a vó às vezes fazia bruxinha, mas para gente ir mexendo. "Daí tu vai ler e vai contar histórias". "Nossa". Também nunca esqueci isso. Porque eu não sabia que história era para contar, né? A gente não pensa essa coisa. Daí eu sentei no fogão com a vó. Em volta do fogão com a vó. Ainda assamos uma linguiça no papel de pão. A vó tinha linguiça. Botou no papel de pão ali, abriu o fogão com essas coisas de assador, né? E a gente ficou ali conversando, botando amendoim, botando essas coisas e falando. E ela "Tu vai contar história. Então assim, amanhã nós vamos falar com a irmã Nanci", que era a que ficava ali comigo na escola, não sei se cada uma tinha uma turma nesse formato, e "tu vai com ela". Daí eu tinha ainda minha pasta de couro, né? Botaram ali uma calcinha, uma roupa que nem as que a Nilce usa, uma camisa, um casaco assim. Fizeram tipo uma trancinha em mim, uma coisa assim e me deram para irmã Nanci. Daí eu fui para dentro, nunca tinha entrado na clausura. Porque quando a irmã Nanci comia merenda, sempre via que ela gostava de maçã. Ela pegava, nós comíamos nossa merenda e a irmã Nanci pegava a maçã e ia para dentro da clausura, porque elas comiam a merenda escondida dos alunos. E eu por minha vez, o que eu levava num pote, até numa panela eu acho, eu tinha vergonha eu acho de comer a merenda, porque todo mundo comia uma outra coisa diferente de mim. E eu comia batata doce ou aipim ou feijão mexido. E daí eu entrava no banheiro para comer. Por muito tempo eu entrei no banheiro para comer. Daí eu lembro um dia que a irmã Nanci disse assim: "tu não come merenda?". Como! Que ela não me via assim brincando. Eu como no banheiro. Daí ela disse "não, não precisa comer no banheiro, pode comer aqui". Eu também lembro de ser a única aluna negra naquele espaço. E as minhas colegas eram de origem alemã, ali São Sebastião do Caí tem também essas misturas, e eu estudava tanto que as mães das minhas colegas pediam para mãe para eu ir lá na casa delas ensinar elas para ter nota boa. Porque

minhas notas sempre foram muito boas. E a mãe deixava. Daí eu sempre fui muito bem recebida e acolhida na casa da mãe daquelas colegas. Porque eu fazia a lição com elas, sei lá. Quando a vó via que eu já tava querendo escrever, ela arrumava jornal lá no Dr. Cassa, que era o prefeito. Essas coisas eu lembro bem. Ela não sabia ler e dizia assim para mim ver quantos A tinham, depois quantos B, quantos C, ia dizendo para ela o nome das letras e ia apontando. E depois eu acho que foi o método que eu mais alfabetizei. Que eu alfabetizei 25 anos da minha vida, praticamente. E amava e amo até hoje alfabetizar. E assim que a vó pode me ajudar a ler e escrever do jeito dela. Então quando fala "métodos, não sei o que" eu digo "meu deus". Cada um tem um jeito, ou no afetivo, de pegar a mão... Então, que jeito diferente eu tive, né? Eu tive um jeito de ouvir, de ouvir a história da vó contando de antigamente, das princesas, das fadas, e a Olívia já rendeu um comentário quando eu digo pra ela de antigamente. "Vovó Laine, quando eu era pequena, antigamente vovó, eu fazia isso..." Então o "antigamente" para ela é quando ela lembra do ano atrás, de uma coisa que ela fazia. E o "antigamente" para vó era as princesas, os 100 anos lá atrás, e eu tô tentando fazer essa conexão ainda agora viva para ter uma ideia como se forma dentro da gente. Talvez venha um pouco disso, tu pega aquela tua vida que tá dentro de ti, que tu internalizou, também afetivamente ou com alguma rejeição, também pode ser, porque eu também devo ter tido meus motivos de rejeição, mas eu fui tão bem amada eu acho que eu não tenho em mim essa memória de rejeição das coisas. Sabe, essas mulheres me cercaram tanto, a mãe... Porque daí quando meu pai faleceu eu tinha seis meses. E nunca esqueço que a vó dizia que ele era tão ciumento que ele saía de Taquara, filho único também, e foi trabalhar na Brahma, então na Brahma aqui em Porto Alegre. E ele tinha tanto ciúme da minha mãe, minha mãe assim uma negra tão linda. Aí às vezes eu ia radicalizar e usar (ininteligível) igual minha mãe. Tem uma história que a gente vai voltando para infância. E a minha mãe tinha um retrato do meu pai quando ela casou. Ela levou um retrato do meu pai escondido. E ela tinha uma mala, e ela guardou dentro daquela mala. E eu juro que minha mãe apanhou do meu padrasto por causa daquilo. Mas era o retrato do pai da filha dela, né? E ela carregou até o meu padrasto destruir tudo aquilo. Eu só... Mas aí, cuida só... Eu tava nessa questão da irmã Nanci, daí ela entrou comigo na clausura, era um período em que eles pegavam, e no interior acho que ainda tem isso, bem no interiorzão, as crianças pequenas e levam pros lugares,

os meninos para serem padres, agora a coisa tá mais aberta, mas antes não. Que eu lembro que tinha acho mais umas duas meninas, mas eu e irmã Nanci sempre pegava pela mão assim, devia gostar de mim ou ter pena de eu não ter pai, não sei... O meu pai faleceu no início de tuberculose... Porque era a doença da época... Na Brahma... ele trabalhava naquelas fornalhas e no (ininteligível). Eu lembro uma vez que a mãe falou, depois que ele morreu, um dia a mãe foi lá na Brahma comigo, eu já tava para casar com o Cláudio, e eu me casei com 26 anos. E ainda ela teve acesso nos lugares, tu tinha que passar por causa das máquinas de gelo, gente... É umas máquinas do tamanho dessa sala ou maior. E o meu pai trabalhava nisso e trabalhava mantendo o fogo naquelas fornalhas lá da Brahma. Daí ele foi para casa, para onde foi? Para casa da vó, nesse tempo a mãe não tava namorando meu padrasto ainda, nem conhecia. Ele tava na cama, a vó tratou tudo, a vó disse que a gente não deve ter medo da doença, porque quando tiveram varíola, ela cuidou de pessoas que tiveram varíola, e ela nunca pegou varíola. A vó sempre dizia isso. É uma coisa muito forte, porque aqueles abnegados que a gente até vê nos filmes, que cuidam dos leprosos, disso e daquilo, nem todo mundo pega. Não sei também atribuir isso a que. Então ela sempre dizia, cuidou dos leprosos, cuidou varíola né? Enrolava nos panos e nunca pegou. Mas ela tomava muito chá, dava muito chá, fazia benzedura. E essa coisa eu acho que também peguei um pouco, não peguei a benzedura em si, mas a vó também dizia assim... Vem cá, mas às vezes eu não ia lá. E ela continuava, chegava uma pessoa, porque lá em São Sebastião do Caí ela era benzedeira também. Daí ela pegava, tenho bastante lembrança, o copo, um carvão do fogão, sempre tinha, uma tesoura e um galho verde. E o pano branco. Pegava assim, virava, botava na cabeça da pessoa. E benzia. Ela queria que eu tivesse lá para ouvir. Para que eu também aprendesse a benzedura. Agora eu aprendi sabe quando? Quando aquela professora, a professora Rose, que morreu até no avião... Era Rose Maria... Era uma que era da tradição folclore, ela e o Oliveira Silveira. E daí a vó disse assim "mas tem que vim cá, ó essa guria, ela tem que aprender, mas nunca tá na hora". Porque quando as pessoas chegam para ser benzidas elas não ficam esperando, tem que tá por ali na prática, né? E às vezes eu acho que eu tava no vô, porque o vô também me disputava. Só eu de criança... Que

nem agora a a Olívia, já disse para eles. "Mãe, estamos fazendo passaporte da Olívia".... o dia que vocês planejarem melhor sair do país, eu vou entrar na justiça e vou entrar mesmo, sabe? Aquela coisa que tem da disputa. E nesse meio tempo, meu único tio, que é o José (?), o Tio Lago, ele também veio morar na cidade, daí ele já abriu caminho para mãe, até conhecer o pai, abriu caminho para minha tia, e eles moravam tudo na zona industrial, onde tinham as fábricas. Daí o meu tio se encontrou com as pessoas, ele era boêmio, mas ele era o mascate. A história do mascate me fascina também. E ele veio morar pros lados do que era a Ilhota. Então ele conheceu Lupicínio, conheceu seu Pedrinho (?), que faleceu a pouco tempo. Que quando nós brigamos com a praiana, formamos uma escola de samba dissidente, que era a Caprichosos do Humaitá, essas coisas tudo aí. E daí o meu tio já veio para cá pro aglomerado de negros, não podia ficar no alto, e o tio veio vindo, e a mãe veio vindo, as mulheres veio trazendo. E a tia na memória que ela contou lá no museu um dia, contando a história do Mocambo, ela contou e falou do processo que ela ia trabalhar com peleiteira (?), e ela aprendeu a profissão, ela foi uma das últimas que morreu aqui em Porto Alegre. Que ela veio... 18 dias levaram de barco de São Sebastião do Caí, porque vinham, parava um pouco, entravam naquelas entradas que tem, paravam, para poder resistir e chegar aqui. E tudo pelo Guaíba, entendeu o que é isso? E tá gravado no Mocambo conta as suas histórias da prefeitura, quando eu tive uma briga política. Daí parentes (ininteligível) tava nessa briga política, né? Eles não publicaram a parte do Mocambo que fala dela. Então, eu não contei essa história da Carmen, mas falando no patrimônio, a Carmen disse que tudo isso tá na Bento Gonçalves ali, então um dia eu quero ir buscar, porque tá gravado. Arquivo histórico. Eu tenho que tirar um dia para ir lá. Tá lá a fala e a memória da minha tia que o Mocambo um dia fez essa contação de histórias no museu, levou todos que estavam passando por ele, levou os familiares vivos, e daí era só minha tia que tava viva, mas levou o Zé Grande, levou um parentesco distante que a gente tinha, e daí tá gravado lá. Foi muito bonito, assim.

Entrevistadora: Não tá escrito, tá só gravado?

Dona Elaine: Eu acho que não foi nem gravado. Porque a gente teve que correr em tantas outras frentes a gente tem que tá.

Entrevistadora: Como é o nome dela, da tua tia?

Dona Elaine: Romilda dos Santos Rodrigues, que Rodrigues é o sobrenome do tio João também. Então... E o livro um dia eu encontrei a proposta que o ano cinco seria do Mocambo, encontrei na feira do livro, vendido pela prefeitura por um real, onde diz ali no prefácio, que o ano seguinte será contado a história do Mocambo. Então essas coisas tão tudo registradas e a gente não dá tempo de ver. Mas não foi feita, que eu acho que não foi nem gravada. Aquela noite foi o Mocambo, daí eu levei o Rei Momo, que não era esse que veio aqui que faleceu. Esse outro Rei Momo era o Miudinho (?) eu acho. Que o Cristiano tinha dois anos quando o Miudinho assumiu. Voltando sempre, intercalando, tem que fazer uma ordem, mas a minha memória ela tá né assim, nessa mistura toda.

Intervalo na entrevista

Dona Elaine : Depois, hã, eu, mocinha, ali com o pai, fui para... fui Miss Montenegro, né, então, aquela coisa, que era para comer (ininteligível) atrás da porta (ininteligível) tem uma idade que tu acredita mesmo, e que tu vai paras coisas, né. Mas assim, na questão da... do juvenato...

Entrevistadora: Em que ano tu foi Miss?

Dona Elaine: Setenta e dois, eu acho, que eu fui Miss Montenegro.

Entrevistadora: Primeiro, com as irmãs, tu ia e voltava para casa ou tu ficava desde o início lá?

Dona Elaine: Não, aí é que a minha memória ela tem que se aprofundar bem, porque tu não tem muita noção de tempo, assim. Eu comparo agora, que nem no hospital, quando tu fica no hospital, tu não... tu perde a noção do dia da semana, tu te perde, sabe? É uma coisa muito forte isso no ser humano, quando a gente acorda, que dormiu muito cansada, a gente começa a ver as coisas práticas. Quanto tempo eu dormi, logo que tu acorda, assim, "meu deus, que hora é isso?", né. Ligada no policiamento, né, que a sociedade impõe. Mas daí, eu lembro da irmã Nanci, com essas minhas duas coleguinhas. E ela me levando pela mão para clausura. Ela sentando com as outras irmãs e comendo maçã, todas comendo maçã. (ininteligível) com a maçã do pecado, que elas falavam para gente, mas elas comiam, claro, quem estuda e tá nesses lugares, vence essas coisas "ah, não vou comer porque é pecado", né. Não tem isso. O padre já disse para gente que a Semana Santa muitos

até comem carne também, porque não é o mesmo dia do calendário sempre, né, a cada ano muda, então, é uma coisa... é festa móvel, né, tem as fixas, mas tem a móvel também. Eu fui, levei essa, levei a minha pastinha com essa roupa. E a... a mãe e a vó me deixaram na entrada, na escadaria do ginásio para receber a (ininteligível). E entrou para lá, atravessando o pátio, não era muito grande. E entrou, e aí a gente comeu, e aí a gente dormiu, tinha umas caminhas, assim. E agora eu tô morando num lugar que era um convento, quase, né. A gente comeu e no outro dia nós embarcamos, mas eu não sei quando nós embarcamos. Sabe que isso eu comecei a ver isso de um tempo para cá, porque teve um dia que a mãe chegou lá, que eu me lembro que a mãe foi lá, não fazia muito tempo. Daí a mãe disse para irmã, daí já não era mais a irmã Nanci. A irmã Nanci ficava dando aula no ginásio ali, né, da admissão. Eram outras freiras. Daí a mãe disse, daí elas me chamaram, e a mãe disse "não, é que minha mãe e eu, nós não podemos mais deixar ela". Eu não sei o que que é que disseram, daí a mãe foi lá, me tirou, daí me pegou de volta com as minhas coisinhas, com a minha pastinha de colégio, com as coisas, acho que tinha um caderno dentro, também. Aí eu disse "nós vamos embora?", e aí a mãe disse assim "é, nós vamos em Caxias, nós vamos embora do Caí". E nunca mais falou naquilo, e a vó disse assim, tu vai ler, tu vai escrever, de novo, no ginásio. Daí eu entrei de novo no ginásio, a mãe me deixou ali, eu fiz admissão. E ali eu formei, eu fui...

Entrevistadora: Das irmãs, ainda?

Dona Elaine: Das irmãs. Voltei pro mesmo local... mas saí daquele...

Entrevistadora: Tu ficou bem pouquinho no internato?

Dona Elaine: É... não era internato, era juvenato.

Entrevistadora: Juvenato. Mas dormia lá?

Dona Elaine: Dormia lá, é, eu lembro, assim, de deitar, dormir, da cama, levanta... porque daí tu é enclausurada mesmo. Tu não é criança, tu é aquela menina que já começa a viver... aqui, eu vou fazer uma grossura, não quero usar esse termo nos conventos... mas das masmorras. Porque, aí, tu tem que fazer a lide, também, mas tu também tem que começar a aprender os ensinamentos. Vocês não tão vendo agora no Fantástico essa denúncia sobre essa nova, não é uma seita, mas é um guardião de... de... ele quer os padres para fazer... ai, tá muito forte isso, no

Fantástico, domingo, e nesse domingo agora tem... domingo foi a denúncia, e tem as freiras junto. É essa busca de levar lá para dentro mas até de bater nos...

Entrevistadora: E é católico.

Dona Elaine: E é católico.

Entrevistadora: Eles tão muito conservadores, né.

Dona Elaine: Aquele... a Rosa... ai, agora qual é o filme que tem?

Entrevistadora: O Nome da Rosa?

Dona Elaine: O Nome da Rosa. Aquele Nome da Rosa, assim, eu lembro que tinha um lugar assim, a gente nem passava perto, a gente tava chegando, mas que elas iam em fila, lembra aquelas... coisa branca, em cima da roupa marrom, e aquele rosário, assim. E eu sempre gostei de rosário. Eu aprendi... eu não aprendi a ser batuqueira. Eu não aprendi a ser a benzedeira, porque aquilo ficou, e no próprio colégio das irmãs, aquilo ficou muito perdido. Aí eu chegava em casa, a vó benzia e eu ficava olhando. A mãe poucas rezas fez, mas a mãe era batuqueira, minha mãe se dizia batuqueira. Então, ela ia na sessão de batuque...

Entrevistadora : E ela não te levava junto?

Dona Elaine: No chamado Conceição. Não, daí eu ficava dormindo... Conceição, que era distante do... assim, que nem eu, andei até em Capela de Santana, mais de dois quilômetros para lecionar, dois para ir, dois para voltar. Tudo lá era. a pé.. só tinha um ônibus, quinze paras cinco da manhã, que tirava as pessoas daquele local, eu ia em Montenegro para fazer o curso normal, depois voltava, ficava no caminho. Não tinha... e a mãe, talvez o medo até de... assalto eu não digo, né, mas porque... como tinha carroça, porque Conceição é um lugar muito fechado.

Entrevistadora: E em Montenegro tu fez o curso normal também com as irmãs?

Dona Elaine : Eu fiz o colégio Jacob Renner, que era de padres.

Entrevistadora: E tu tinha bolsa ou como é que era?

Dona Elaine: Eu acho que ali eu não tinha bolsa...

Entrevistadora: Teus pais pagavam? É caro nessas escolas?

Dona Elaine: Não, é que agora eu fui lá esses dias fazer um curso em Montenegro, na UERGS... eu fui lá...

Entrevistadora: Jacob Renner, tu falou?

Dona Elaine: Jacob Renner. E era pago. Era pago. Também me lembro do nome da professora de Psicologia, a (ininteligível), eu me lembro do professor, que há pouco que ele faleceu.

Entrevistadora: Então tu, em escola pública, não estudou?

Dona Elaine: Não, não estudei, talvez porque eu ganhasse bolsa. Talvez. A mãe também trabalhava em troca de serviço, porque a troca de serviço também é muito prática nesse interior, né, essa troca. (Telefone toca) Bom... o que eu falei?

Entrevistadora: Tu tava falando de que estudou sempre com as irmãs, daí tu voltou para o ginásio...

Dona Elaine: Daí voltei, porque daí eu também fui estudar no colégio que tinha ali na... Diretor Pestana, que não tem mais também eu acho, as coisas que... a gente vai morando na Cidade Baixa e vai deixando a Zona Norte, porque a tia Romilda já tava aqui, e ela foi uma grande peleteira (?)... então, cada vez...

Entrevistadora: O que é peleteira, mesmo?

Dona Elaine: É quem fazia os casacos de pele, sabe, casacos de pele. E a tia Romilda ela era muito assediada, porque a gente costuma dizer entre nós, assim, o negro ele tem que acordar uma hora antes e dormir uma hora depois, porque ele tem que ser treinado para ser, não precisa ser o melhor, mas para tá junto e igual, sabe. E a tia Romilda levou isso a sério. Aquelas coisas invisíveis, sabe, que (ininteligível) no período dela e não apareciam. (Telefone toca) Porque eu queria falar da tia Romilda, que ela, já morando aqui, então ela... e o tio Mascate, que o tio trabalhou (ininteligível), eu acho que mais de trinta anos da vida dele, até quase morrer.

Entrevistadora: É uma loja?

Dona Elaine: Que é aquela loja da esquina com a Voluntários, e ele chegava e me ensinava como é que eu tinha que ver se um tecido era bom. Então ele ensinava com um prego, acendia um fósforo e mostrava a pontinha do isqueiro acesa, para reconhecer os tecidos. E ele chegava com aquela mala maravilhosa, abria, porque quando levava as coisas da cidade para lá, ele vendia. Tanto que eu fui ser camelô e amo. Se eu pudesse, eu voltava para as ruas, tanta coisa que se eu pudesse... porque eu fui camelô não sei quanto tempo nas ruas da cidade. Muita pessoa me conhece por causa das ruas, né. Eu tava na Unisinos e ainda tava vendendo na Voluntários, quase morri num tiroteio que teve, para levar comida para casa também

e manter as crianças no (ininteligível), porque daí eram pequenas. Porque o Cláudio não tinha mais emprego e eu tava (ininteligível) tava fechando, aí trabalhava (ininteligível). Então, tantas coisas, né, e eu não tinha vergonha, aí a gente perde a vergonha, porque tu tem os filho. Aí fomos morar na Alberto Bins, bem ali na frente, onde tem o... na esquina, quando desce a... quando tu desce ali da Santa Casa, aquela ruazinha que desce... tem um grande estacionamento da Pinto Bandeira com a Alberto Bins, então ali nós fomos morar. Fomos morar ali como uma invasão. Mas daí muitas pessoas já tinham entrado, porque, invasão, agora a gente diz ocupação, né, mas na época era invasão mesmo. Morei ali com meus filhos e ainda... a Dani tinha sete, fez sete anos ali. Eu vendia ali embaixo, foi quando eu descobri a anemia falciforme, aí foi um grande revelador. Hoje tem projetos, tem gente trabalhando no sistema de saúde, mas antes não tinha nada disso. Fui descobridora do processo de anemia falciforme quando me preparei para ir para Durban (Conferência) e não fui. Porque todas as nove pré-conferências ou sete, eu participei, praticamente, pelo CODENE. Porque quando mandaram, o Fernando Henrique mandou ver quem tinha trabalho com saúde das capitais, só quem tinha nas associações, porque daí o mote era procurar na OP, era o Mocambo que trabalhava com a saúde do povo. Porque eu trabalhava com a saúde da Cidade Baixa. Daí o Areal não era quilombo, era uma associação... tempos depois a gente formou a associação, a ACAMBAGRA, que era Associação Comunitária da Barão do Gravataí e o departamento com nome negro que era Mocambo cidadão, que era para dizer que agora nós tava buscando cidadania na cidade. Ainda tinha algumas casas ali onde tá o (ininteligível). Já estavam tirando o pessoal da Restinga, já tinham tirado, e daí nesse tempo eu morei também com a minha sogra e morei na José do Patrocínio, muitos anos eu morei ali no (ininteligível). Nos pequenos... nos pequenos cortiços, né. Muitos anos a gente morou antes de estar na Barão, eu, como Elaine, a mãe tava perto do Beco do Bicho, que é atrás da associação do areal. Muitas vezes, num pedacinho bem pequenininho, nas tarimbas, quando não cabia todo mundo porque meus irmãos foram crescendo, eu dormi também ali na Lupicínio, que era a ilhota, na casa de amigos, porque essa convergência, esse compadrio, a Cidade Baixa sempre teve. Tanto que quando a gente conseguiu depois ir para João Alfredo, onde

tá a primeira, o protótipo da pegada, os moradores de rua, a gente... eu ainda lembro do título de candanga, que minha avó dizia, eles faziam reunião numa área da esquina da João Alfredo ali com a Luís Afonso, onde é a casa que eu ainda voto no endereço, que eu me sinto ainda ali, né. E a tia, com as minhas primas, elas estavam morando na José do Patrocínio. E a tia com aquele costume de falar com as pessoas, muito, e de ler, ela morava ali e ela tinha vindo de uma das outras ruazinhas de trás, com o tio João, porque o tio João carregou todos os tijolos, paraticamente de caminhão para construir o Beira-Rio. Então, aquela vida era por ali, na praça Garibaldi. Então por ali, para nós, é chão, né, porque quando a tia veio do interior para ficar ali de barco, ela ficou na Zona Norte, mas quando ela se encontrou com o tio, que ele veio trabalhar na Cidade Baixa e para vender, eles acharam acolhida ali, nesse bairro da Cidade Baixa. E daí ainda era... era tudo muito ilhota, daí depois entrou o supermercado, fizeram a divisão Cidade Baixa e Menino Deus, a gente se mobilizou para dizer que não queria ser Cidade Baixa, porque a gente achava que podia querer ser... não dava, ninguém muda. Então é muito complicado, tu transitar numa cidade cheia de projetos para ocupar a cidade. Mas quando nós fomos morar ali, nós fomos no DMAP, na época era o Pujol que comandava, o Zanella, e nós fomos para lá para pedir para ele que nós queria umas tábua para fazer uma casinha ali na ilhota. Claro que não ganhamos. O Pujol foi um dos responsáveis de levar. Daí ofereceu para ir para Restinga. E a mãe, que já tava ali, já tinha vindo, que já tinha morado também na, perto do Olímpico, né, aquela coisa, os parentes do Cláudio, que a família que tava ali na Mariano de Matos, bem no comecinho, perto da Igreja, todos os negros que quisessem podiam ir para lá, só precisava levar de caminhão. E aí ele levou, porque de caminhão, em 64, eu vim com a mãe... eu já tava por aqui, mas eu tava lá porque ia rebentar essa coisa da Legalidade, né, da Campanha da Legalidade, e em 64, nós viemos tudo, se encontramos tudo aqui em Porto Alegre, meus irmãos eram pequenos e embarcamos num caminhão, também, no caminhão do tio João, e fomos pro Cantagalo se esconder, não sabia quanto tempo ia demorar aquilo, eu tinha até 14 anos... foi quando eu conheci o pai dos meus filhos, eu namorei 12 anos por carta. Daí ele tava vindo do Rio de Janeiro, tinha sido jogador no Rio de Janeiro, tinha sido lutador de boxe aqui, toda uma vida assim tumultuada né. E eu uma menina que tinha estado no... que foi juvenista, né, minha mãe dizia "não, minha filha não é para

tá no convento". Minha mãe dizia assim, daí a vó dizia "mas para ela aprender, ela tem que ir lá aprender e depois poder contar história". Daí eu acho que por aí também, quando eu voltei pro ginásio, a mãe também lutou muito para pagar, porque a gente tinha perdido um pouco daquela simpatia, daquela mordomia, porque as irmãs eu acho que também viam aquelas famílias pobres, que eles podiam levar para ser juvenistas, depois se transformar freira.

Entrevistadora: Tinha interesse, né.

Dona Elaine: Elas até ajudavam um pouco, né, é isso ali, sabe, que nessa conjuntura eu entendo essa situação porque ela continua acontecendo. Continua acontecendo do abuso sexual com os meninos que vão para serem padrecos, né, então talvez lá, não posso dizer, né, mas talvez lá isso pudesse ter acontecido. E esse ato da mãe né, e da vó, a vó "não, então tu vai estudar", daí eu fui estudar de novo lá. E a vó trabalhava na casa do prefeito, Dr. Cássio, e eu daí transitava por ali, mas daí quando o tio, a tia, a mãe também veio de rabicho, como eles diziam, eu já morava aqui, daí eu fui para essa fase que fiquei até hoje. Então, morei um pouco no Menino Deus, aí quando me separei do pai deles, fui para Tito Lívio. Daí eles foram pro São Manoel, lá. Então essa é a... nesse meio tempo também eu já tava lecionando, vim professora, fiz o primeiro concurso, eu tinha 14 anos quando eu fiz o concurso e fui a professora mais jovem, né, do município, porque...

Entrevistadora: Aqui em Porto Alegre?

Dona Elaine: Não, São Sebastião do Caí. De lá, quando todo mundo veio, eu consegui dar aula no Mobral. E foi a minha porta para o governo do estado. E daí eu já tinha ido para Unisinos, estava fazendo Letras. Daí eu fiz curta duração, que é esse que aqui, para mim, eu pude ter, porque as horas, 360 horas, eram de curta duração para faculdade. Hoje não tem mais curta duração, né.

Entrevistadora: É, não tem.

Dona Elaine: É.

Entrevistadora : E tu pagou trabalhando teus estudos de Letras?

Dona Elaine: Sim, na Unisinos. Aí fui fazer Direito para recuperar as terras. Porque daí o tio também foi para fora, eu já tava na cidade, quase me casando, fui trabalhando para televisão, por conta de ter sido Miss e Miss inteligente, eu era...

Entrevistadora: Tu tem fotos da Miss, não?

Dona Elaine: Só no... talvez lá em Montenegro, porque era concurso municipal, né, era concurso do Floresta Aurora, que é Florestina, lá. Esses dias falei pro pessoal que dirige lá, eles disseram que nem sabem se tem, que nem o (ininteligível). O Floresta Aurora mal tem uma memória que outra. Tu entendeu? É muito...

Entrevistadora: Tu foi Miss Florestina ou...?

Dona Elaine: É, Floresta Aurora da época, né. Fui Miss Inteligência e concorri a Miss Montenegro. Concorri a Miss Montenegro.

Entrevistadora: Foi Miss Inteligência de Floresta...?

Dona Elaine: É, daí o título que eu recebi.

Entrevistadora: Miss Inteligência de Florestina Aurora e concorreu a Miss...

Dona Elaine: Não, eu fui Miss Floresta Aurora da época, que agora parece que é Florestina, acho que eles mudaram. Recebi do município, fui do município de Montenegro...

Entrevistadora: Foi Miss e concorreu... e foi Miss?

Dona Elaine: E fui Miss... Inteligência. Porque eu também sei que eu não tava vestida à altura como era o vestido das outras, né. E daí eu não podia, entre, ir para um desfile na cidade, em cima de carro, tudo muito bacana. Mas ganhei o título de Miss... era muito melhor que o da outra moça, né, que tinha posses, que tinha sobrenome, né. Mas é uma coisa que eu... não é que eu apaguei, essas coisas eu não dou bola, né, porque eu nunca gostei de tá ah...

Entrevistadora: E tu já era professora lá?

Dona Elaine: Já era professora... eu era professora ou só estudava? Não, eu ainda só estudava. Estudava lá no Jacob Renner.

Entrevistadora: Tu nasceu, qual a data mesmo?

Dona Elaine: Vinte e três de março de 1947. Na Santa Casa. E da Santa Casa fui para minha madrinha, é aqui onde é o Trensurb ali, como é que chama o nome do lugar? Perto dos aviões ali. Há pouco tempo eu disse. Perto do aeroporto ali, é ali que eu já fui para lá com a madrinha e depois fui para fora né. Depois fui para fora, a vó ficou comigo um pouco, depois voltei... aí eu tava perto da Zona Norte, as minhas tias, a minha tia principalmente, se acomodava... minha madrinha ela corria todo mundo, né. Depois eles já foram trabalhar nas peleteiras e a tia (ininteligível). E dali foram conhecendo pessoas e foram paras (ininteligível), que era a Cidade Baixa, né,

o local da ilhota, o local mais... de referenciamento de negros, por causa da própria história do Cais, de chegar, de ter vindo... então, isso tudo forma o parentesco. Uma coisa muito... é estranha, mas ao mesmo tempo é maravilhosa. Porque o trabalho dali, os caminhões, os carretos tão ali. Se tu precisa de uma coisa, tu festeja ali também. Tu não pode festejar uma festa, um encontro em qualquer lugar. A própria praiana foi por ali, né. O imperadores também nasceu ali. O bamba nasceu ali, nesses zoneamentos. Então tu vê como a redondeza, como se diz, os arredores, é que a gente pensa nessa redondeza próxima, a gente não vê outros quilombos. A gente vê onde tá a troca que a gente faz, né. E interessante que, quanto mais geograficamente a gente vai fazendo... foi se compondo, a gente, quando menino negro, e uma menina negra se namoram em casa, antes a gente se... "ah, é filho lá do compadre Fulano, mora lá perto do compadre Zé", sabe. "Mora lá no Beco do...". Na Washington Luiz, gente. A mãe morou, que era um monte de prostituta essa rua... a mãe morou na Washington Luiz, que era a rua (ininteligível). Naquelas pequenas casas, que agora tão demolindo, tão modificando. A mãe morou ali para... perto da Ponte de Pedra, para poder vender as coisas que ela fazia. E a mãe gostava muito de vender mesmo aqui, vendia pastel. Mas a tia Romilda sempre foi mais da roupa. A mãe pegou uma caixinha bem pequeninha... quando eu tive muita dificuldade, tava na Unisinos, tinha os filhos pequenos e tava me separando. Botou essas rapadurinhas de amendoim, aquelas, botou numa caixinha e foi vender embaixo do viaduto. Daí o que tu faz com essas histórias? Sorri.

Entrevistadora: Ô, Elaine, quanta história que eu não sabia! Lindas histórias, puxa vida. Deixa eu te perguntar umas coisinhas de data...

Dona Elaine: E ainda não terminei São Sebastião do Caí, né, eu fui para... para...

Entrevistadora: Mas deixa eu só te perguntar, qual é...

Dona Elaine Mas assim, ó...

Entrevistadora: Em que ano tu fez a Letras na Unisinos? Te lembra?

Dona Elaine: Foi quando eu já... eu ainda tava no interior. Eu vou ver. Eu vou lá na Unisinos, eu tenho que ir lá por causa de uma conta no Bradesco.

Entrevistadora: E quando tu casou?

Dona Elaine: Em 1973. Catorze de julho de 1973. Porque eu fiz um curso muito truncado.

Entrevistadora: E aqui tu já tava fazendo o curso na Unisinos?

Dona Elaine: Tava fazendo, fui tentar terminar Letras, que era o curso de curta duração... mas, ao mesmo tempo, eu fui aproveitar as cadeiras e fazer Direito, porque daí tu tinha o aproveitamento das cadeiras, né. Tinha... não era Didática. Mas tinha... isso aí, eu resgato na Unisinos, porque eu vou ter que ir lá, porque o Bradesco... eu tô no SPC... e o Bradesco disse que eu tô com uma conta na Unisinos. Universitária, ainda. E só lá que eu posso resolver. Eu digo, mas... só assim eu vou na Unisinos. E daí eu vou pedir meus históricos.

Entrevistadora: Tenho uma grande amiga que dá aula lá. Se tu precisar ajuda.

Dona Elaine: Tá. Só não pude retornar para terminar Direito porque eu não tive 240 reais para pagar para Unisinos para renovar a minha matrícula.

Entrevistadora: Mas tu chegou a encerrar o curso ou não?

Dona Elaine: Não, eu fiz até o terceiro semestre, quarto semestre, e já tava fazendo o meu tema para... que era contar a história sob o olhar da Psicologia. Não ia fazer Psicologia, não sou psicóloga, mas essa afetividade, essa coisa assim, que eu sempre, tive muita sorte com as pessoas... não digo sorte, né, não sei, o meu ancestral também, né, da cabeça...

Entrevistadora: Onde é que tu morava quando tu casou? Tu lembra?

Dona Elaine: Aqui em Porto Alegre! Eu tô velha, mas... já tava aqui em Porto Alegre! Eu namorei 12 anos por carta um pouco no interior. Daí o pai e a mãe abriam as cartas, liam, porque tava destacado, né, em São Sebastião do Caí. Nesse meio tempo, eu também tava terminando o ginásio. Daí a mãe não queria que eu viesse aqui para tia Romilda. Daí a tia Romilda...

Entrevistadora: Tu foi Miss enquanto tu namorava ele? Quando tu foi Miss?

Dona Elaine: Não, eu já tinha... não, só por carta. Eu conhecia ele...

Entrevistadora: Tu foi Miss num ano e casou no outro?

Dona Elaine: Eu fui Miss, se eu não me engano, em 71, não, em 72... eu fui Miss na década de 70. Mas o Cláudio, eu conheci em 64.

Entrevistadora: Quando tu chegou em Porto Alegre?

Dona Elaine: Não. Quando eu podia vir sozinha para Porto Alegre, de trem. Que a mãe me botava na estação, a tia Romilda me esperava, as gurias eram pequenas, as minhas primas, que já vão fazer 60 anos também. Elas têm praticamente por aí. E a tia Romilda sempre foi muito brigueira.

Entrevistadora: Tu tinha 17 anos?

Dona Elaine: É. Mas quando eu conheci o Cláudio eu tinha... 14 anos. Sessenta e quatro?

Entrevistadora: Dezesete anos.

Dona Elaine: É, mas namorei 12 anos por carta até me casar em 70 e... 73? Setenta e quatro. E isso porque ele foi me esperar lá na saída da TV. Porque a mãe não deixava...

Entrevistadora: Namorou por carta desde os 14, isso?

Dona Elaine: Desde 64. Quantos anos eu tinha? Dezesete?

Entrevistadora: Dezesete, é. Então, tu não concluiu o curso na Unisinos, o curso superior?

Dona Elaine: Não. Daí, já tava as mudanças. Daí, eu fui fazer em... daí, interrompi, né, sempre interrompeu, voltava, fazia uma cadeira, pagava outra... daí, fui ter que lecionar Literatura, daí tive que lecionar Literatura...

Entrevistadora: Tu lecionava pelo...?

Dona Elaine: Pelo estado. Tinha o curso normal mas tava cursando Letras. Então, eu... cursando, tu pode lecionar. Então, eu ia, me matriculava, cursava, acomodava, foram nascendo os filhos e eles davam assim... carga horária lá em Petrópolis, o resto... a... eu trabalhei no Medianeira, depois eu trabalhei no Dom Pedro II, ali na Glória, nos colégios estaduais. Depois eles me mandaram cumprir uma carga horária na Springer, que era na Azenha, para trabalhar como Mobral pro adulto, para dar aula pros adultos ali. E a Springer tinha um processo maravilhoso.

Entrevistadora: Era o estado que pagava?

Dona Elaine: Era o estado que pagava. Os arranjos...

Entrevistadora: E braile? Foi depois?

Dona Elaine: Braile foi em 74. Eu fiz o último curso de braile do estado.

Entrevistadora: Fez pelo..

Dona Elaine: Pelo estado. Daí eles escolheram...

Entrevistadora: É uma complementação do normal?

Dona Elaine: Não! É a seleção. Porque o braile, ele era uma faculdade de curta duração também.

Entrevistadora: E onde que tu fez?

Dona Elaine: Na SEC, tudo era a SEC que dava. Junto, nas universidades, no Santa Luzia... porque, primeiro, é assim o curso. Era, né. Tu fazia todo o curso. Todo o curso. E depois tu entrava para dentro de uma especialização. Mas, antes da especialização, tu dava aula, fazia um pré-estágio, vamos supor assim, e... no, na deficiência mental... e, depois, no Libras.

Entrevistadora: Nas deficiências auditivas e...?

Dona Elaine: Era tudo junto e separado. Mas eu me apaixonei pelo braile, sabe. Não sei se é carência, ou se eu continuo dizendo. Por que era bem assim para essas pessoas, sabe, ouvir também a história delas e transformar um fio de esperança num pontinho e dizer "tá botando o dedo na reclet, né, esse é o pontinho, esse é o A, se esse pontinho aqui estiver aqui e tal, tu desce com ele, tu vai formar uma letrinha". Tu nem sabe o que é isso. Tu nem sabe o que é isso. Para ti... para ti... para editar tua vida e ver que a gente não é nada assim.

Entrevistadora: E desses cursos, tu não tem o certificado?

Dona Elaine: Tem. O de Braile, eu posso... na SEC, a SEC tem tudo isso registrado. Porque ele ficou como curta duração. E daí o estado...

Entrevistadora: Mas tu não tem em casa guardado?

Dona Elaine: Não, porque eu achei, um dia desses, todo despedaçado, foi o... ainda ali no campo que acho que tava nas pastas, o de Magistério, eu achei... ou era o de braile? Mas eu vou lá na SEC buscar.

Entrevistadora: Na SEC, porque tu te aposentou pela SEC.

Dona Elaine: Sim, sou aposentada! E como nível três. Porque daí eles viam cargas horárias e a própria SEC, eles tinham nível três. Aí, pro estado, agora eu já sou quadro em extinção, porque formaram-se as novas universidades, os novos cursos, que passaram para ser... 600 e quantos... e eu era da época antiga, da lei antiga...

Entrevistadora: Essa formação superior, é. Inclusive para anos iniciais. É de 2007, eu acho.

Dona Elaine: Não sei o ano. Mas aí também essa coisa eu não acompanhei muito, né, eu já tava... e porque daí eu tenho curso de curta duração. Complementado, se eu quiser fazer, mas nunca fiz, com o curso de... [pausa longa]. Era o Ministério da Integração Nacional, que tu escolhia. Aqui de Porto Alegre, tem três. Tem a Carla, a Janice e eu. Para fazer o curso pelo Ministério e ter integração para poder ir trabalhar em todas as... os grupos e comunidades e abrir estradas necessárias pro...

Entrevistadora: Isso era do Projeto Rondon?

Dona Elaine: Não! O Projeto Rondon era cesta básica, era diferente, né. Esse é curso... tinha univesidade. E esse diploma eu tenho. Esse diploma eu tenho, mas nunca usei ele, não precisou. E até nem digo que tenho. Raramente eu boto na minha... foi quando conheci também a (ininteligível) como SEPIR, que daí ela já tava lá, trabalhando...

Entrevistadora: Isso foi quando?

Entrevistada: 2004? 2005? Mas como eu já tenho nível três no estado, eu sou nível três de curso de curta duração, antes de extinguirem. Como eu já tenho, então eu nunca me preocupei, não vai mudar meu salário. E tenho ele. Agora, quando é para... se for para ter o desempate numa coisa, eu, daí, boto. Mas agora, eu quero mais é que as gurias façam curso e eu não quero mais tá, sabe? É elas que têm que planejar o futuro delas, né. Porque eu já tô... já tô... não tenho...

Entrevistadora: Vou desligar, porque é 11h30min, né!

Dona Elaine: É, agora tem que fazer o planejamento...